

INDICADORES E AVALIAÇÕES DO DESENVOLVIMENTO RECENTE DA AGRICULTURA BRASILEIRA

Pedro Ramos¹
Tamás Szmrecsányi²

RESUMO

A partir das proposições e diretrizes de um artigo sobre política agrícola publicado por Ruy Miller Paiva há mais de vinte anos (PAIVA, 1974), este trabalho procura analisar o desenvolvimento recente da agricultura brasileira por meio de alguns indicadores de preços, salários, produção e produtividade, bem como aferir o grau de adequação de algumas avaliações correntes de sua *performance*.

Palavras-chave: desenvolvimento agrícola, política agrícola, indicadores econômicos e sociais.

INDICATORS AND EVALUATIONS OF BRAZILIAN AGRICULTURE'S RECENT DEVELOPMENT

SUMMARY

Based on the propositions and directives of an article on agricultural policy published by Ruy Miller Paiva more than twenty years ago (PAIVA, 1974), this paper attempts to analyse Brazilian agriculture's recent development through some price, wage, production and productivity-indicators, as well as to review some current evaluations of its performance.

Key-words: agricultural development, agricultural policy, economic and social indicators.

1 - APRESENTAÇÃO

Num artigo sobre política agrícola escrito ao final da chamada época do "milagre brasileiro" (PAIVA, 1974), Ruy Miller Paiva formulou alguns objetivos e diretrizes que até hoje permanecem relevantes. Para ele, a melhoria do comportamento do setor agropecuário só seria obtido por meio: a) da redução dos preços de seus produtos para os consumidores; b) de uma elevação da renda gerada por eles para seus produtores; e c) de melhores salários e condições de vida para seus trabalhadores. Estes objetivos, por sua vez, deveriam

ser alcançados através da modernização tecnológica da agricultura e de políticas setoriais compensatórias, visando, respectivamente, o aumento da produtividade do trabalho e uma redistribuição (mais) equitativa de seus frutos.

Tratava-se, como ainda se trata, de metas e estratégias plenamente aceitáveis em todos os sentidos. Nosso intuito aqui será, de um lado, o de propor alguns indicadores e instrumentos alternativos para efetivá-las, e, de outro, o de fazer, a exemplo do Autor, uma sucinta avaliação do desenvolvimento recente do setor e de suas políticas subjacentes. Para tanto, apresentaremos inicialmente um sumário dos indicadores e instrumentos arrolados pelo próprio Ruy Miller Paiva.

A fundamentação empírica do seu referido artigo baseava-se em dados relativos à evolução, entre 1948 e 1970:

1) dos índices anuais médios das quantidades

¹Doutor em Administração, Professor Assistente do Instituto de Economia da Universidade de Campinas (UNICAMP).

²Livre-docente em Economia, Professor Titular do Instituto de Geociências da UNICAMP.

produzidas por categorias de produtos agropecuários (alimentos de origem vegetal e animal, matérias-primas para a indústria, e gêneros de exportação);

2) dos índices de preços das mesmas categorias de produtos e

3) dos índices de quantidade, preço e valor dos quinze principais produtos agrícolas exportados, exceto o café. Diversamente das tabelas relativas aos dois primeiros indicadores, ambas organizadas em seis períodos (1948/50, 1951/54, 1955/58, 1959/62, 1963/66 e 1967/70), as exportações são apresentadas numa série contínua de dezoito anos (1953-1970).

Compreendia, além disso, uma análise do setor agropecuário no início da década de 1970, em termos:

4) da evolução dos preços, da produção e das exportações de dezessete produtos (inclusive o café) nos anos de 1967, 1970 e 1972;

5) das mudanças de produção, entre 1970 e 1973, de sete produtos agrícolas no Brasil e nos principais Estados produtores.

E, finalmente, para fundamentar as possibilidades de expansão do setor sem mudanças na política agrícola, havia uma análise:

6) das taxas de crescimento da produção de 23 culturas, entre os quinquênios 1948-52 e 1962-66, e entre este último e o de 1966-70.

Tais indicadores, em nosso entender, estão sujeitos a algumas complementações e modificações. Os preços, por exemplo, devem incluir, não apenas os recebidos pelos produtores, mas também - e talvez principalmente - os preços pagos pelos consumidores. Por sua vez, a renda auferida pelos produtores não se resume apenas à receita e/ou ao valor da produção *per capita* dos mesmos, mas tem que levar em conta também suas despesas e/ou seus custos de produção. Isto é muito importante à medida que os segundos (os custos e as despesas) podem muito bem estar aumentando mais rapidamente do que os primeiros (os preços e o valor da produção), fazendo com que a renda dos produtores, não obstante o aumento da receita, possa estar diminuindo em vez de crescer. Já os salários recebidos pelos trabalhadores agrícolas devem ser comparados, não apenas ao salário-mínimo legal, mas também às remunerações dos trabalhadores de outros setores, multiplicados uns e outros pelo número anual de meses efetivamente trabalhados. Nos dados de produtividade, convém incluir, além dos rendimentos físicos

por áreas colhidas, as receitas em dinheiro por trabalhador empregado, sendo que, neste caso, podem muito bem ocorrer aumentos no segundo indicador sem elevações correspondentes no primeiro, ou *vice-versa*. Finalmente, no que se refere às políticas sociais compensatórias, deve-se levar em conta não somente o aumento das disponibilidades de infra-estrutura física ou de serviços, mas ainda as possibilidades de acesso das diversas categorias de produtores e de trabalhadores aos meios de produção - principalmente a terra - e aos mercados, tanto de insumos como de produtos.

São todos esses dados que procuramos arrolar na parte substantiva do presente artigo, que procura fazer uma avaliação quantitativa e qualitativa do desenvolvimento mais recente do setor agropecuário do País, bem como das políticas agrícolas subjacentes.

2 - ANÁLISE DE INDICADORES DISPONÍVEIS

A redução (ou não) dos preços (relativos) dos produtos agropecuários para os consumidores finais pode ser aferida pelas três primeiras colunas da tabela 1, que apresenta, ano a ano, as variações dos índices do custo de vida e do custo da alimentação na cidade de São Paulo durante um período de 22 anos (de 1973 a 1994). Por meio delas verifica-se que, não só tem sido maior o número de anos em que o custo da alimentação apresentou um aumento mais significativo do que o custo de vida (doze vezes contra nove, com um empate em 1976), mas também, que, em média, as diferenças a favor do primeiro têm sido maiores que as diferenças favoráveis ao custo de vida em geral. Isto parece indicar que, no período em pauta, não houve qualquer redução dos preços dos produtos agropecuários para seus consumidores nacionais, talvez antes pelo contrário.

Uma tendência semelhante pode ser observada com referência aos índices de relações de troca entre a agricultura e a indústria, para o Estado de São Paulo, que aparecem na última coluna da mesma tabela. Tais índices, como se sabe, são calculados dividindo-se os índices de preços recebidos pelos agricultores pelos índices dos preços pagos por eles, referindo-se os primeiros aos de seus produtos, e os segundos aos dos insumos necessários para produzi-los. Neste caso, o número de anos em que as relações de troca foram desfavoráveis ao setor agropecuário superou aquele em que tais relações o favoreceram (doze contra dez).

TABELA 1 - Variações Anuais do Custo de Vida e do Custo da Alimentação na Cidade de São Paulo, e Índices de Relações de Troca entre Agricultura e Indústria no Estado de São Paulo

Ano	Custo de vida ¹	Custo da alimentação ¹	CA/CV	Relações de troca ²
1973	114	117	1,026	147,9
1974	133	137	1,030	106,3
1975	129	126	0,977	98,6
1976	138	138	1,000	130,9
1977	141	139	0,986	133,1
1978	140	146	1,043	89,8
1979	167	175	1,048	88,0
1980	185	187	1,011	78,8
1981	191	184	0,963	67,0
1982	195	193	0,990	61,7
1983	264	314	1,189	69,3
1984	279	277	0,993	77,3
1985	328	361	1,101	79,3
1986	68	58	0,853	111,8
1987	367	321	0,875	89,2
1988	892	1,054	1,182	111,2
1989	1,636	1,691	1,034	110,9
1990	1,639	1,416	0,864	125,4
1991	459	466	1,015	115,2
1992	1,130	1,139	1,008	127,4
1993	2,491	2,469	0,991	74,6
1994 ³	111	114	1,027	98,0

¹Índices do mês de dezembro comparados ao de dezembro do ano anterior = 100.

²Médias anuais.

³Junho do mesmo ano = 100.

Fontes: Duas primeiras colunas - FIPE/USP, Boletins de Índices de Preços ao Consumidor (vários anos); quarta coluna - números de dezembro da revista Conjuntura Econômica (vários anos), com base em dados originalmente elaborados pelo Instituto de Economia Agrícola.

Além disso, o favorecimento da indústria nessas relações tem sido, em média, maior que o favorecimento da agricultura, quando este chegou a ocorrer.

Em compensação, a relação de custos tende a ser acompanhada pela relação de trocas na maioria das vezes, embora não na mesma proporção. Nos 22 anos do período aqui considerado, houve doze em que se pôde observar essa correspondência num sentido ou no outro (seis em cada caso). Mas, a falta de correspondência mais freqüente (outros seis casos), e mais significativa, é aquela em que o custo da alimentação

sobe mais do que o custo de vida e, não obstante, as relações de troca mantêm-se desfavoráveis ao setor agropecuário. Essas ocorrências, e mais o número preponderante dos casos em que o custo da alimentação aumenta mais do que o custo de vida, apontam para uma apropriação dos diferenciais pela intermediação comercial entre os produtores do setor agropecuário e os consumidores finais de seus produtos, e/ou pelos ramos agroindustriais processadores dos mesmos.

Para aferir a remuneração dos trabalhadores em atividade no setor agropecuário, valemo-nos de uma

série de dados relativos à evolução dos salários da mão-de-obra não-qualificada na agricultura do Estado de São Paulo. Tais dados são apresentados na tabela 2, colocando em confronto as remunerações médias dos trabalhadores mensalistas com o salário mínimo legal vigente nas mesmas épocas e com as remunerações auferidas pelos diaristas e pelos volantes. Estas duas categorias de trabalhadores agrícolas têm em comum não somente o fato de seus salários serem pagos apenas por dias efetivamente trabalhados (diversamente do que ocorre com os mensalistas, que recebem seus salários por mês, incluindo-se neles os dias de descanso remunerado), mas também a característica de suas relações de trabalho com seus empregadores serem - por isso mesmo - menos permanentes que os da primeira categoria.

Os trabalhos mais esporádicos, e mais específicos e especializados, são, sem dúvida, os realizados pelos volantes, que costumam ser mobilizados em turmas, principalmente nas épocas de colheita. Não é de estranhar, assim, que os salários pagos a eles tendam a ser mais elevados do que a diária teórica (1/30 avos) da remuneração dos mensalistas - inclusive porque se trata, como já foi dito, de atividades temporárias que não ocorrem o ano todo, e que, via de regra, precisam ser completadas rapidamente, exigindo em consequência aptidões e habilidades particulares por parte de seus agentes. O pagamento de um salário mais elevado por essas tarefas é muitas vezes o único meio de atrair trabalhadores para realizá-las.

Por sua vez, as tarefas dos diaristas, embora sejam mais diversas, mais genéricas e mais rotineiras do que as atividades dos volantes, além de melhor distribuídas do que estas, no transcurso do ano, também requerem, em princípio, uma remuneração maior que a diária teórica do mensalista. Isso porque o diarista tem as mesmas necessidades mínimas do que este para prover a reprodução de sua força de trabalho, pessoal e familiar - necessidades que só podem ser atendidas multiplicando-se o seu salário pelo número de dias trabalhados durante o mês. A sua remuneração mensal assim calculada poderá ser inferior ao mínimo em questão se o diarista já dispuser de outra fonte de sustento - como pequeno produtor autônomo, como titular de algum emprego, ou como membro de uma família integrada por tais agentes.

As remunerações dos mensalistas empregados na agricultura do Estado de São Paulo têm-se mantido, na maioria dos casos, acima do nível do salário mínimo

legal vigente nas mesmas épocas, particularmente nos anos mais recentes que figuram na tabela 2. Este fato, aparentemente auspicioso, precisa ser ponderado por duas qualificações: a) o número reduzido e decrescente dessa categoria de trabalhadores não-qualificados na agricultura paulista e brasileira; e b) o caráter verdadeiramente "mínimo" do salário mínimo legal no Brasil - uma remuneração que, além de ser uma das mais baixas do mundo no gênero, tem constituído ultimamente um dos alvos preferidos das políticas econômicas de combate à inflação, deixando, em consequência de se elevar em consonância com os níveis do custo de vida da classe trabalhadora.

Tais ressalvas apontam não apenas para o baixo nível de salários dos mensalistas, mas também - e talvez principalmente - para a insuficiência das remunerações de categorias de trabalhadores mais numerosas, como as dos volantes e dos diaristas. E esta insuficiência, como veremos mais adiante, só encontra explicação no excesso de oferta de mão-de-obra e/ou na falta de oportunidades de ocupação alternativa para ela. Deixando-se de lado as situações de desemprego urbano (crescente nos últimos anos), essa falta deriva essencialmente do caráter extremamente concentrado de nossa estrutura fundiária, que tem impedido o acesso à terra de muitos que querem e podem trabalhá-la.

Que outras razões poderia haver para o salário de um diarista não ser superior a 1/25 avos da remuneração do mensalista - a qual contempla todos os dias de um mês, e não apenas os dias úteis efetivamente trabalhados? Na tabela 2, pode-se constatar, todavia, que esse mínimo teórico (baseado na suposição de que o diarista tenha trabalho e remuneração em todos os dias úteis do mês) só chegou a ser alcançado em oito dos 42 casos observados (ou seja, em menos que 20% das ocorrências possíveis), tendo havido inclusive uma ocasião (novembro de 1984) em que a remuneração dos diaristas foi inferior até à diária teórica dos mensalistas.

A situação dos volantes, em termos comparativos, parece à primeira vista ser mais confortável que a dos diaristas - com a remuneração deles chegando a equivaler mais de 1/20 avos do salário dos mensalistas em seis dos 42 casos observados. Mas, essa remuneração relativamente mais elevada tem, como contrapartida, não apenas o caráter eventual e sazonal do emprego de tais trabalhadores, mas também o já citado ritmo muito mais intenso das tarefas desenvolvidas pelos

TABELA 2 - Evolução dos Salários da Mão-de-Obra Não-Qualificada na Agricultura do Estado de São Paulo

(em valores correntes)

Ano	Mês	Salário médio de menselistas	Percentual do salário mínimo legal	Nº de diárias (diaristas)	Nº de diárias (volantes)	Relação percentual Vol./diar.
1972	Março	216,64	96,0	29,0	24,3	119,6
1973	Março	262,50	97,7	26,5	23,2	114,1
1974	Março	329,00	105,4	24,6	20,2	121,6
1975	Abril	455,00	120,8	25,6	20,6	124,2
1976	Abril	616,00	115,6	25,1	20,2	124,5
	Novembro	833,60	108,5	26,7	22,2	120,5
1977	Abril	935,30	84,5	24,9	19,0	131,1
	Novembro	1.235,20	...	26,1	21,0	123,8
1978	Abril	1.548,27	99,2	29,5	23,4	126,1
	Novembro	1.734,64	...	26,6	22,0	120,9
1979	Abril	1.960,24	86,4	27,3	21,7	125,7
	Novembro	2.821,10	96,2	27,3	23,1	118,4
1980	Abril	3.478,60	83,8	26,2	21,0	124,7
	Novembro	5.583,00	96,4	27,6	22,5	122,8
1981	Abril	7.020,00	82,9	27,0	20,6	130,8
	Novembro	11.900,00	99,8	29,2	24,9	117,2
1982	Abril	14.900,00	89,7	29,3	24,0	121,8
	Novembro	24.830,00	105,3	29,8	25,6	116,6
1983	Abril	30.254,00	87,0	28,1	23,7	118,4
	Novembro	56.140,00	98,3	29,5	25,7	114,6
1984	Abril	73.458,00	75,6	28,4	24,9	113,7
	Novembro	177.000,00	106,3	30,6	26,9	114,1
1985	Abril	315.900,00	94,8	26,4	21,8	121,3
	Novembro	629.000,00	104,8	27,3	24,2	113,0
1986	Abril	905,37	112,6	25,3	21,0	120,4
	Novembro	1.370,00	...	23,6	17,8	132,8
1987	Abril	1.902,00	139,0	22,1	16,8	131,4
	Novembro	4.033,00	134,4	24,0	19,3	124,4
1988	Abril	8.000,00	110,2	27,6	22,2	124,1
	Novembro	34.628,00	112,4	29,3	24,5	119,4
1989	Abril	81,00	126,8	27,0	21,9	123,3
	Novembro	627,91	112,7	28,4	24,0	118,3
1990	Abril	4.785,62	130,3	28,0	23,2	120,7
	Novembro	11.276,59	135,4	23,9	19,3	124,1
1991	Abril	23.221,77	136,6	25,1	20,2	124,2
	Novembro	57.246,91	136,3	25,2	20,6	122,2
1992	Abril	135.838,27	141,4	24,0	21,3	112,7
	Novembro	708.058,51	135,6	27,7	22,7	121,8
1993	Abril	2.301.970,73	134,7	24,7	22,4	110,3
	Novembro	18.659,23	124,2	27,9	22,9	121,8
1994	Abril	89.931,44	138,8	26,0	23,4	110,8
	Novembro	106,38	152,0	22,6	17,0	132,7

Fontes: Instituto de Economia Agrícola e Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

volantes. Apesar desta característica, a remuneração desses trabalhadores não chega a ser significativamente mais elevada que a dos diaristas.

Conforme se pode observar na última coluna da tabela 2, somente em cinco dos 42 casos registrados a diária dos volantes conseguiu superar em mais de 30% a remuneração dos diaristas, e, em nada menos de oito casos, a diferença entre os salários das duas categorias não passou de 15%. Essa diferença tem variado através do tempo, podendo-se perceber, no entanto, que ela tende a diminuir nos meses de novembro em relação aos de abril, provavelmente devido à ocorrência, nos primeiros, dos períodos de entressafra. Isso só deixou de ocorrer em seis dos 19 anos com duas observações anuais, coincidindo em três deles com a elevação dos salários tanto dos diaristas como dos volantes (novembro de 1986, 1990 e 1994).

Nunca é demais observar que, se essas coisas ocorrem em São Paulo, a região economicamente mais desenvolvida do País, a situação deve ser ainda pior na maioria dos demais Estados brasileiros. Se assim não fosse, já teriam cessado por completo as migrações rural-urbanas e inter-regionais, e não existiriam problemas como os dos trabalhadores sem terra, que diariamente aparecem nos jornais. De um modo geral, pode-se afirmar que a propalada competitividade dos produtos agropecuários do Brasil no mercado mundial vincula-se muito mais à manutenção dos baixíssimos níveis de remuneração da força de trabalho em atividade no setor do que à mudança, para melhor, dos seus níveis de produtividade.

Antes de passar para a análise destes, à qual dedicaremos boa parte do início deste artigo, cumpre fazer uma rápida referência à estrutura fundiária do País, cujos dados disponíveis - por falta de censos econômicos mais recentes - apresentam-se bastante defasados no tempo. Mas, pelo que se sabe, até o último Censo Agropecuário, efetuado em 1985, a situação fundiária vinha piorando através do tempo, e, desde então, parece difícil que tenha ocorrido alguma melhora substantiva. Por esses motivos, limitamo-nos a apresentar na tabela 3 uma súmula de alguns dos principais indicadores constantes daquele censo, a fim de mostrar como eles interferem na renda dos produtores do setor e nos salários de sua força de trabalho.

Por meio dos dados dessa tabela, pode-se perceber, em primeiro lugar, o caráter extremamente concentrado da estrutura fundiária do País, no qual

52,8% dos estabelecimentos agropecuários de menor tamanho (até 10ha), ocupam apenas 2,7% da superfície total dos mesmos, enquanto pouco mais de 1,0% dos estabelecimentos de maior tamanho têm uma superfície conjunta equivalente a 43,7% do total. As áreas médias dos primeiros são de 3,3ha, contra 2.269,7 e 25.864,1 ha por estabelecimento dos segundos. Estes, porém, absorvem nove vezes menos trabalhadores do que aqueles, nos quais se concentram nada menos que 39,8% do pessoal ocupado no setor, numa média de três pessoas por estabelecimento, e de 1,1ha por pessoa ocupada. Apenas os estabelecimentos de 10 a 100ha chegavam a absorver em 1985 o mesmo número absoluto de trabalhadores, alcançando médias de 4,3 pessoas ocupadas por estabelecimento e de 7,5ha por pessoa. Nos estabelecimentos de maior tamanho, que, em conjunto, absorviam apenas 4,2% do pessoal ocupado, essas médias são bem maiores, alcançando, respectivamente, 17,7 e 64,1 pessoas por estabelecimento, e correspondendo a 128,4 e a 403,2ha por pessoa ocupada.

Acontece, porém, que se tratava, na época, e provavelmente ainda se trata hoje, de superfícies em boa parte ociosas, haja vista que a participação percentual conjunta dos estabelecimentos de maior tamanho (com mais de mil hectares cada um) não chegava a superar em 50% a participação relativa dos estabelecimentos de até 10ha. Nestes, o valor da produção por hectare (penúltima linha da tabela) chegava a ser, respectivamente, quase oito e mais de vinte vezes superior ao daqueles. Obviamente, os valores da produção por estabelecimento e por pessoa ocupada eram muito maiores nos estabelecimentos de maior porte do que nos de menor tamanho. Mas, isso se devia menos ao volume de produção gerado por eles do que a seu pequeno número e ao pequeno número de pessoas que empregam.

A modernização tecnológica, preconizada por Ruy Miller Paiva e por outros, visa primordialmente o aumento da produtividade das terras e do pessoal ocupado. Mas, isso só pode ser obtido por meio de investimentos, não apenas em novos e melhores equipamentos e insumos, mas também em pesquisa agrônômica e zootécnica, e através de maiores salários. A permanência de muitas terras ociosas e de muitas pessoas sem possibilidades de acesso a elas para fins produtivos tem contribuído poderosamente para rebaixar o nível dos salários e para desestimular as tentativas de melhorar

TABELA 3 - Súmula da Estrutura Fundiária Brasileira em 1985

Indicadores	Até 10ha	10ha a 100ha	100ha a 1.000ha	1.000ha a 10.000ha	Acima de 10.000ha	Sem declaração	Total
Nº Est. (1.000)	3.064,8	2.160,3	517,4	48,3	2,1	8,8	5.801,8
Distribuição (%)	52,8	37,2	8,9	0,8	0,0	0,2	100,0
Superfície total (1.000ha)	9.986,6	69.565,2	131.432,7	109.625,9	54.314,6	...	374.924,9
Distribuição (%)	2,7	18,5	35,1	29,2	14,5	...	100,0
Áreas médias (ha)	3,3	32,2	254,0	2.269,7	25.864,1	...	64,6
Pessoal ocupado (1.000)	9.303,6	9.302,2	3.776,3	853,7	134,7	22,4	23.394,9
Distribuição (%)	39,8	39,8	16,1	3,6	0,6	0,1	100,0
Média p/ estab.	3,0	4,3	7,3	17,7	64,1	2,5	4,0
Ha. p/ pessoa ocup.	1,1	7,5	34,8	128,4	403,2	...	16,0
Val. prod. (Cz\$ milhão)	23.297,2	71.565,3	68.595,0	28.259,8	4.732,2	300,4	196.705,5
Distribuição (%)	11,8	36,4	34,9	14,4	2,4	0,1	100,0
Média p/ est. (Cz\$ mil)	7,6	33,1	132,6	585,1	2.253,4	34,1	33,9
Média p/ ha (Cz\$ mil)	2,3	1,0	0,5	0,3	0,1	...	0,5
Média p/ pessoa (Cz\$ mil)	2,5	7,7	18,2	33,1	35,1	1,5	8,4

Fonte: Censo Agropecuário de 1985, do IBGE.

a tecnologia vigente no setor agropecuário. As próprias políticas sociais compensatórias se revelarão inúteis enquanto não estiverem acopladas a medidas concretas e decisivas de alteração em profundidade da estrutura fundiária ora existente. O quanto que o País ainda tem a caminhar nessa direção poderá ser constatado através das séries de dados relativas à produção agropecuária brasileira nos últimos vinte anos, que passamos a apresentar em seguida.

Tais dados se referem aos vinte produtos (quinze agrícolas e cinco de origem animal) historicamente mais importantes no início da década de 1970. O período coberto compreende vinte anos, entre 1973 e 1993.

A tabela 4 mostra a evolução recente, em moeda constante, dos valores dos principais itens da produção agropecuária do País. Tomando os vinte produtos em conjunto, pode-se notar a ocorrência de um intenso crescimento até 1977, e de uma estagnação a partir daí, até 1986; entre 1987 e 1989, o setor voltou a ter boas *performances*, entrando, porém, desde então, numa fase de declínio e estagnação. Alguns produtos,

entretanto, tiveram um comportamento acima da média, e isto se deu, notadamente, com a soja durante quase todo o período; com a laranja e o cacau em todos os anos exceto 1975 e 1974 respectivamente; com a cebola excetuando três anos (1974, 1981 e 1987); com a cana-de-açúcar e a carne de frango a partir de 1978; com o café desde 1985; e com o milho a partir de 1987. Todos esses produtos, em conseqüência, aumentaram suas participações relativas no conjunto, com a soja, inclusive, passando a liderar o *ranking* entre 1975 e 1990 (exceto em 1979, 1986 e 1987). Outros produtos que se mantiveram em evidência nesse particular foram: a carne bovina, produto líder quanto ao valor, não só em 1979 e 1986 e a partir de 1990, mas também em 1973 e 1974; e o leite, que foi o principal produto em 1987, mantendo a segunda colocação entre 1975 e 1977, em 1981 e 1982, e novamente em 1990 e 1991.

Na tabela 5 aparece a evolução das quantidades produzidas, podendo-se observar um forte declínio nas produções de algodão, amendoim e mandioca, e uma estagnação nas de arroz, banana e feijão. Cinco produtos - batata, milho, carne bovina, carne suína e

TABELA 4 - Evolução Recente dos Valores da Produção Agropecuária do Brasil

(Reais de julho de 1995, Deflacionados pelo IGP da FGV)

(continua)

Produto	Indicadores	Unidades	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979
Algodão em caroço	Reais	Milhares	1.020.604	1.055.968	809.368	896.207	1.085.722	1.741.489	825.838
	Números Índices	Média 1970/72=100	121	125	96	106	128	206	98
Amendoim em casca	Reais	Milhares	210.957	133.890	139.803	126.703	102.366	116.069	107.491
	Números Índices	Média 1970/72=100	114	72	75	68	55	63	58
Arroz em grão	Reais	Milhares	1.541.088	1.843.418	2.637.027	2.169.807	1.636.236	1.945.524	2.174.909
	Números Índices	Média 1970/72=100	105	126	180	148	112	133	149
Banana em cachos	Reais	Milhares	617.841	660.324	946.426	1.079.626	1.034.777	1.112.452	1.054.203
	Números Índices	Média 1970/72=100	83	89	127	145	139	149	142
Batata-inglesa	Reais	Milhares	846.797	810.622	656.435	1.045.434	883.567	979.769	738.468
	Números Índices	Média 1970/72=100	169	162	131	209	176	196	147
Cacau em amêndoas	Reais	Milhares	257.164	256.415	308.022	399.352	840.243	691.015	687.187
	Números Índices	Média 1970/72=100	172	171	206	267	561	461	459
Café em coco	Reais	Milhares	699.224	1.326.601	1.094.671	609.201	1.978.376	1.622.667	1.459.641
	Números Índices	Média 1970/72=100	114	216	178	99	322	264	237
Cana-de-açúcar	Reais	Milhares	1.069.233	1.223.116	1.422.874	1.662.691	1.841.490	1.942.360	2.065.009
	Números Índices	Média 1970/72=100	115	131	153	179	198	209	222
Cebola	Reais	Milhares	322.021	181.773	260.983	382.293	330.074	1.255.073	532.335
	Números Índices	Média 1970/72=100	231	131	187	275	237	901	382
Feijão em grão	Reais	Milhares	1.667.299	1.193.396	1.140.292	1.605.618	1.531.868	961.307	1.094.028
	Números Índices	Média 1970/72=100	171	123	117	165	157	99	112
Laranja	Reais	Milhares	379.296	454.935	390.387	513.756	606.656	649.353	644.799
	Números Índices	Média 1970/72=100	156	187	161	211	250	267	265
Mandioca	Reais	Milhares	966.274	962.602	1.188.823	2.095.293	2.760.377	2.305.338	1.715.837
	Números Índices	Média 1970/72=100	98	98	121	212	280	234	174
Milho em grão	Reais	Milhares	1.821.244	2.123.028	2.297.362	2.415.060	2.060.525	1.821.863	2.345.763
	Números Índices	Média 1970/72=100	124	144	156	164	140	124	160
Soja em grão	Reais	Milhares	6.686.829	7.351.346	9.264.824	8.423.575	16.249.080	9.075.166	8.954.809
	Números Índices	Média 1970/72=100	365	401	505	459	886	495	488
Trigo em grão	Reais	Milhares	1.071.851	1.830.187	1.277.866	2.079.718	1.234.806	1.644.316	1.562.078
	Números Índices	Média 1970/72=100	119	203	142	231	137	183	174
Carne bovina	Reais	Milhares	7.550.851	7.941.325	6.837.144	5.967.547	6.319.925	7.759.206	9.920.165
	Números Índices	Média 1970/72=100	163	172	148	129	137	168	215
Carne suína	Reais	Milhares	1.533.771	2.053.711	1.799.796	1.544.190	1.923.090	1.816.090	2.370.904
	Números Índices	Média 1970/72=100	111	148	130	111	139	131	171
Carne de frango	Reais	Milhares	1.541.087	1.625.868	1.576.639	1.602.400	1.746.276	2.193.139	3.055.818
	Números Índices	Média 1970/72=100	159	167	162	165	180	226	315
Ovos	Reais	Milhares	828.797	909.365	951.236	1.029.681	990.971	1.111.733	1.215.729
	Números Índices	Média 1970/72=100	130	143	150	162	156	175	191
Leite	Reais	Milhares	4.016.040	5.678.740	7.100.644	6.630.825	6.343.361	6.464.318	6.073.114
	Números Índices	Média 1970/72=100	123	173	217	202	194	197	186
Total dos 20 produtos	Reais	Milhares	34.648.269	39.616.630	42.100.622	42.278.977	51.499.786	47.208.247	48.598.125
	Números Índices	Média 1970/72=100	152	173	184	185	225	206	213

Fonte: Dados do IBGE e da FGV processados e deflacionados pelo IEA/SAA-SP.

TABELA 4 - Evolução Recente dos Valores da Produção Agropecuária do Brasil

(Reais de julho de 1995, Deflacionados pelo IGP da FGV)

(continua)

Produto	Indicadores	Unidades	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986
Algodão em caroço	Reais	Milhares	828.233	772.153	726.895	806.891	1.108.640	1.066.591	934.138
	Números Índices	Média 1970/72=100	98	91	86	95	131	126	111
Amendoim em casca	Reais	Milhares	90.490	94.319	58.730	66.697	66.609	57.594	46.677
	Números Índices	Média 1970/72=100	49	51	32	36	36	31	25
Arroz em grão	Reais	Milhares	2.310.370	1.729.805	1.923.496	1.624.643	1.388.029	1.449.876	1.581.793
	Números Índices	Média 1970/72=100	158	118	132	111	95	99	108
Banana em cachos	Reais	Milhares	1.064.638	1.057.117	1.064.993	904.279	911.161	820.678	1.147.603
	Números Índices	Média 1970/72=100	143	142	143	121	122	110	154
Batata-inglesa	Reais	Milhares	1.406.840	1.007.035	672.269	1.378.056	751.981	818.235	1.362.733
	Números Índices	Média 1970/72=100	281	201	134	275	150	163	232
Cacau em amêndoas	Reais	Milhares	469.369	384.004	298.185	527.435	391.224	676.372	600.483
	Números Índices	Média 1970/72=100	313	256	199	352	261	451	401
Café em coco	Reais	Milhares	1.039.895	1.328.638	640.556	945.226	942.203	1.989.684	2.110.778
	Números Índices	Média 1970/72=100	169	216	104	154	153	324	343
Cana-de-açúcar	Reais	Milhares	2.371.721	2.463.976	2.844.627	3.092.882	2.900.722	2.928.581	2.256.029
	Números Índices	Média 1970/72=100	255	265	306	332	312	315	242
Cebola	Reais	Milhares	554.354	207.473	474.017	515.372	375.513	795.257	493.540
	Números Índices	Média 1970/72=100	398	149	340	370	270	571	354
Feijão em grão	Reais	Milhares	1.788.079	1.985.824	1.183.868	906.311	1.624.690	1.073.984	1.073.645
	Números Índices	Média 1970/72=100	183	204	122	93	167	110	110
Laranja	Reais	Milhares	659.310	780.081	785.296	609.800	1.170.294	1.272.470	969.290
	Números Índices	Média 1970/72=100	271	321	323	251	481	524	399
Mandioca	Reais	Milhares	1.499.522	1.332.712	800.971	643.962	999.473	835.966	658.739
	Números Índices	Média 1970/72=100	152	135	81	65	101	85	67
Milho em grão	Reais	Milhares	3.009.011	2.684.687	2.172.975	2.964.251	2.733.414	2.632.995	2.582.418
	Números Índices	Média 1970/72=100	205	183	148	202	186	179	176
Soja em grão	Reais	Milhares	11.131.603	10.005.791	8.841.365	9.084.389	9.290.068	8.986.049	5.865.434
	Números Índices	Média 1970/72=100	607	546	482	495	507	490	320
Trigo em grão	Reais	Milhares	1.224.308	1.154.536	1.060.809	1.228.544	1.117.854	3.147.385	3.968.075
	Números Índices	Média 1970/72=100	136	128	118	137	124	350	441
Carne bovina	Reais	Milhares	8.686.903	6.065.655	5.769.076	6.433.242	6.522.350	6.121.022	6.277.071
	Números Índices	Média 1970/72=100	188	131	125	139	141	133	136
Carne suína	Reais	Milhares	2.238.674	1.599.287	1.614.038	1.652.859	1.667.491	1.579.386	1.873.832
	Números Índices	Média 1970/72=100	161	115	116	119	120	114	135
Carne de frango	Reais	Milhares	3.242.674	2.890.077	2.738.948	3.052.960	2.902.711	2.873.416	3.532.469
	Números Índices	Média 1970/72=100	334	298	282	314	299	296	364
Ovos	Reais	Milhares	1.106.558	1.020.725	3.731.268	1.037.375	1.504.716	1.223.355	1.601.786
	Números Índices	Média 1970/72=100	174	160	586	163	237	192	252
Leite	Reais	Milhares	7.208.025	7.149.733	6.026.575	5.797.760	5.481.730	5.311.828	5.315.534
	Números Índices	Média 1970/72=100	220	218	184	177	167	162	162
Total dos 20 produtos	Reais	Milhares	51.930.577	45.713.628	43.428.957	43.272.934	43.850.873	45.660.734	44.252.067
	Números Índices	Média 1970/72=100	227	200	190	189	192	200	194

Fonte: Dados do IBGE e da FGV processados e deflacionados pelo IEA/SAA-SP.

TABELA 4 - Evolução Recente dos Valores da Produção Agropecuária do Brasil

(Reais de julho de 1995, Deflacionados pelo IGP da FGV)

(conclusão)

Produto	Indicadores	Unidades	1987	1988	1989	1990	1991	1992	1993
Algodão em caroço	Reais	Milhares	1.544.889	1.604.400	1.107.283	1.001.775	1.185.458	942.704	635.750
	Número Índices	Média 1970/72=100	183	190	131	119	140	112	75
Amendoim em casca	Reais	Milhares	60.484	53.674	42.599	39.284	50.072	39.253	42.627
	Número Índices	Média 1970/72=100	33	29	23	21	27	21	23
Arroz em grão	Reais	Milhares	1.714.128	1.837.891	1.544.330	1.105.073	1.483.883	1.265.496	1.149.409
	Número Índices	Média 1970/72=100	117	126	106	76	102	87	79
Banana em cachos	Reais	Milhares	1.979.250	1.576.350	1.959.202	2.240.738	2.315.937	1.732.063	1.782.148
	Número Índices	Média 1970/72=100	266	212	263	301	311	233	239
Batata-inglesa	Reais	Milhares	948.250	736.575	799.027	960.500	1.042.836	729.622	778.656
	Número Índices	Média 1970/72=100	189	147	160	192	208	146	155
Cacau em amêndoas	Reais	Milhares	1.092.224	843.911	723.821	436.045	445.074	451.189	413.089
	Número Índices	Média 1970/72=100	729	563	483	291	297	301	276
Café em coco	Reais	Milhares	4.890.440	2.487.125	2.557.148	2.138.689	2.098.126	1.553.247	1.942.094
	Número Índices	Média 1970/72=100	796	405	416	348	341	253	316
Cana-de-açúcar	Reais	Milhares	5.894.751	4.637.078	4.280.300	4.189.653	4.448.139	4.805.105	3.862.438
	Número Índices	Média 1970/72=100	633	498	460	450	478	516	415
Cebola	Reais	Milhares	361.294	480.346	547.967	643.110	390.600	411.972	435.923
	Número Índices	Média 1970/72=100	259	345	393	462	280	296	313
Feijão em grão	Reais	Milhares	1.992.372	1.490.163	1.578.905	1.899.297	2.305.557	1.818.140	2.033.245
	Número Índices	Média 1970/72=100	205	153	162	195	237	187	209
Laranja	Reais	Milhares	2.690.745	3.744.475	3.919.631	3.433.082	2.849.920	2.912.979	2.196.198
	Número Índices	Média 1970/72=100	1.108	1.541	1.614	1.413	1.173	1.199	904
Mandioca	Reais	Milhares	1.766.600	2.088.148	1.815.126	1.379.551	1.666.833	1.682.910	1.665.885
	Número Índices	Média 1970/72=100	179	212	184	140	169	171	169
Milho em grão	Reais	Milhares	5.432.487	5.706.431	5.593.812	4.056.077	4.724.868	5.491.103	5.700.853
	Número Índices	Média 1970/72=100	369	388	380	276	321	373	388
Soja em grão	Reais	Milhares	6.762.452	8.964.253	11.955.057	4.576.495	4.182.586	5.572.264	6.541.933
	Número Índices	Média 1970/72=100	369	489	652	250	228	304	357
Trigo em grão	Reais	Milhares	2.408.143	1.801.279	1.400.943	556.882	525.028	615.032	430.552
	Número Índices	Média 1970/72=100	268	200	158	62	58	68	48
Carne bovina	Reais	Milhares	6.886.396	6.373.071	6.770.924	6.972.779	6.537.410	6.620.044	7.057.307
	Número Índices	Média 1970/72=100	149	138	147	151	142	143	153
Carne suína	Reais	Milhares	1.415.969	1.628.951	1.548.854	1.689.733	1.630.960	1.572.438	1.654.020
	Número Índices	Média 1970/72=100	102	117	112	122	118	113	119
Carne de frango	Reais	Milhares	3.199.044	3.101.888	3.379.388	3.875.200	3.672.000	3.540.000	3.888.940
	Número Índices	Média 1970/72=100	329	319	348	399	378	365	400
Ovos	Reais	Milhares	1.202.243	1.086.121	1.134.858	1.218.097	1.144.067	1.191.960	1.253.960
	Número Índices	Média 1970/72=100	189	171	178	191	180	187	197
Leite	Reais	Milhares	6.888.700	5.159.650	5.231.520	5.525.210	5.441.450	5.103.450	5.328.140
	Número Índices	Média 1970/72=100	210	158	160	169	166	159	163
Total dos 20 produtos	Reais	Milhares	59.130.862	55.401.780	57.890.695	47.937.270	48.140.804	4.805.971	48.793.167
	Número Índices	Média 1970/72=100	259	242	253	210	211	210	213

Fonte: Dados do IBGE e da FGV processados e deflacionados pelo IEA/SAA-SP.

TABELA 5 - Evolução Recente das Quantidades da Produção Agropecuária no Brasil

(continua)									
Produto	Indicadores	Unidades	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979
Algodão em caroço	Toneladas	Milhares	2.273	1.917	1.748	1.262	1.900	3.470	1.636
	Números Índices	Média 1970/72=100	101	85	78	56	85	155	73
Amendoim em casca	Toneladas	Milhares	590	453	442	510	321	325	462
	Números Índices	Média 1970/72=100	63	48	47	54	34	34	49
Arroz em grão	Toneladas	Milhares	7.159	6.764	7.779	9.758	8.994	7.294	7.595
	Números Índices	Média 1970/72=100	98	92	106	133	123	100	104
Banana em cachos	Dúzias	Milhões	3.889	3.880	4.001	4.199	4.704	4.576	4.498
	Números Índices	Média 1970/72=100	68	68	70	73	82	80	79
Batata-inglesa	Toneladas	Milhares	1.337	1.672	1.655	1.898	1.896	2.014	2.154
	Números Índices	Média 1970/72=100	85	106	105	120	120	127	136
Cacau em amêndoa	Toneladas	Milhares	196	165	282	232	250	284	336
	Números Índices	Média 1970/72=100	88	74	127	104	113	128	151
Café em coco	Toneladas	Milhares	1.746	3.231	2.545	752	1.951	2.535	2.666
	Números Índices	Média 1970/72=100	79	147	116	34	87	115	121
Cana-de-açúcar	Toneladas	Milhares	91.994	95.624	91.525	103.173	120.082	129.145	138.899
	Números Índices	Média 1970/72=100	113	117	112	126	147	158	170
Cebola	Toneladas	Milhares	307	336	346	431	488	488	691
	Números Índices	Média 1970/72=100	108	118	121	151	171	171	242
Feijão em grão	Toneladas	Milhares	2.232	2.238	2.282	1.840	2.290	2.194	2.186
	Números Índices	Média 1970/72=100	88	89	90	73	91	87	87
Laranja	Frutos	Milhões	24.652	29.595	31.566	35.841	35.823	39.132	42.226
	Números Índices	Média 1970/72=100	146	175	187	212	212	231	249
Mandioca	Toneladas	Milhares	26.527	24.798	26.118	25.443	25.929	25.459	24.962
	Números Índices	Média 1970/72=100	89	83	88	85	87	85	84
Milho em grão	Toneladas	Milhares	14.186	16.273	16.335	17.751	19.256	13.569	16.306
	Números Índices	Média 1970/72=100	98	113	113	123	134	94	113
Soja em grão	Toneladas	Milhares	5.011	7.877	9.893	11.227	12.513	9.541	10.240
	Números Índices	Média 1970/72=100	221	347	436	495	551	420	451
Trigo em grão	Toneladas	Milhares	2.031	2.859	1.788	3.216	2.066	2.691	2.927
	Números Índices	Média 1970/72=100	126	177	111	199	128	167	187
Carne bovina	Toneladas	Milhares	2.202	2.120	2.157	2.176	2.446	2.320	2.114
	Números Índices	Média 1970/72=100	115	111	113	114	128	121	111
Carne suína	Toneladas	Milhares	700	723	759	748	833	849	901
	Números Índices	Média 1970/72=100	90	93	97	100	107	109	115
Carne de frango	Toneladas	Milhares	524	551	554	621	716	877	1.118
	Números Índices	Média 1970/72=100	132	138	139	156	180	220	281
Ovos	Dúzias	Milhões	390	415	506	552	555	642	732
	Números Índices	Média 1970/72=100	110	118	143	156	157	182	207
Leite	Litros	Milhões	7.763	9.022	9.971	10.667	9.862	10.085	10.503
	Números Índices	Média 1970/72=100	106	123	136	145	134	137	143

Fonte: Dados do IBGE processados pelo IEA/SAA-SP.

TABELA 5 - Evolução Recente das Quantidades da Produção Agropecuária no Brasil

(continua)

Produto	Indicadores	Unidades	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986
Algodão em caroço	Toneladas	Milhares	1.676	1.732	1.928	1.598	2.160	2.857	2.314
	Números Índices	Média 1970/72=100	75	77	86	71	96	127	103
Amendoim em casca	Toneladas	Milhares	483	355	317	254	249	339	217
	Números Índices	Média 1970/72=100	51	38	34	27	26	36	23
Arroz em grão	Toneladas	Milhares	9.777	8.231	9.736	7.744	9.028	9.024	10.371
	Números Índices	Média 1970/72=100	134	112	133	106	123	123	142
Banana em cachos	Dúzias	Milhões	4.928	4.921	5.000	4.815	5.179	5.297	5.557
	Números Índices	Média 1970/72=100	86	86	87	84	90	93	97
Batata-inglesa	Toneladas	Milhares	1.940	1.912	2.155	1.827	2.171	1.947	1.836
	Números Índices	Média 1970/72=100	123	121	136	116	137	123	116
Cacau em amêndoa	Toneladas	Milhares	319	336	351	380	330	431	459
	Números Índices	Média 1970/72=100	144	151	158	171	149	194	207
Café em coco	Toneladas	Milhares	2.122	4.064	1.916	3.343	2.841	3.821	2.083
	Números Índices	Média 1970/72=100	96	185	87	152	129	174	95
Cana-de-açúcar	Toneladas	Milhares	48.651	155.924	186.647	216.037	222.318	247.199	239.178
	Números Índices	Média 1970/72=100	182	191	229	264	272	302	292
Cebola	Toneladas	Milhares	695	778	671	725	717	640	639
	Números Índices	Média 1970/72=100	244	273	235	254	252	225	224
Feijão em grão	Toneladas	Milhares	1.968	2.341	2.903	1.587	2.626	2.549	2.209
	Números Índices	Média 1970/72=100	78	93	115	63	104	101	87
Laranja	Frutos	Milhões	54.459	56.991	57.991	58.569	64.723	71.071	66.872
	Números Índices	Média 1970/72=100	322	337	343	346	383	420	395
Mandioca	Toneladas	Milhares	23.466	24.516	24.072	21.848	21.466	23.125	25.621
	Números Índices	Média 1970/72=100	79	82	81	73	72	77	86
Milho em grão	Toneladas	Milhares	20.372	21.117	21.842	18.731	21.164	22.018	20.531
	Números Índices	Média 1970/72=100	141	147	152	130	174	153	142
Soja em grão	Toneladas	Milhares	15.156	15.007	12.836	14.582	15.541	18.279	13.330
	Números Índices	Média 1970/72=100	668	661	565	642	685	805	587
Trigo em grão	Toneladas	Milhares	2.702	2.210	1.827	2.237	1.983	4.320	5.690
	Números Índices	Média 1970/72=100	168	137	113	139	123	268	353
Carne bovina	Toneladas	Milhares	2.084	2.115	2.397	2.365	2.096	2.223	1.958
	Números Índices	Média 1970/72=100	109	111	125	124	110	116	102
Carne suína	Toneladas	Milhares	982	981	872	884	758	782	825
	Números Índices	Média 1970/72=100	126	126	112	113	97	100	106
Carne de frango	Toneladas	Milhares	1.397	1.519	1.625	1.613	1.403	1.535	1.667
	Números Índices	Média 1970/72=100	351	382	408	405	353	386	419
Ovos	Dúzias	Milhões	782	781	829	785	964	1.044	1.135
	Números Índices	Média 1970/72=100	222	221	235	222	273	296	322
Leite	Litros	Milhões	11.956	11.675	11.817	11.818	12.303	12.453	12.879
	Números Índices	Média 1970/72=100	163	159	161	161	168	170	175

Fonte: Dados do IBGE processados pelo IEA/SAA-SP.

TABELA 5 - Evolução Recente das Quantidades da Produção Agropecuária no Brasil

			(conclusão)						
Produto	Indicadores	Unidades	1987	1988	1989	1990	1991	1992	1993
Algodão em caroço	Toneladas	Milhares	1.672	2.506	1.861	1.821	2.080	1.885	1.135
	Números Índices	Média 1970/72=100	74	112	83	81	93	84	51
Amendoim em casca	Toneladas	Milhares	195	170	151	138	141	172	150
	Números Índices	Média 1970/72=100	21	18	16	15	15	18	16
Arroz em grão	Toneladas	Milhares	10.428	11.046	11.046	7.420	9.489	10.007	10.141
	Números Índices	Média 1970/72=100	142	151	151	101	130	137	138
Banana em cachos	Dúzias	Milhões	5.659	5.689	6.055	6.056	6.095	6.186	6.145
	Números Índices	Média 1970/72=100	99	99	106	106	106	108	107
Batata-inglesa	Toneladas	Milhares	2.343	2.306	2.132	2.234	2.267	2.432	2.360
	Números Índices	Média 1970/72=100	148	146	135	141	143	154	149
Cacau em amêndoa	Toneladas	Milhares	329	343	393	356	321	329	340
	Números Índices	Média 1970/72=100	148	154	177	160	145	148	153
Café em coco	Toneladas	Milhares	4.224	2.641	3.060	2.930	3.041	2.589	2.555
	Números Índices	Média 1970/72=100	192	120	139	133	138	118	116
Cana-de-açúcar	Toneladas	Milhares	268.585	258.560	252.643	262.674	260.888	271.475	244.303
	Números Índices	Média 1970/72=100	329	316	309	321	319	332	299
Cebola	Toneladas	Milhares	857	757	797	869	888	896	927
	Números Índices	Média 1970/72=100	301	266	280	305	312	314	325
Feijão em grão	Toneladas	Milhares	2.006	2.884	2.311	2.234	2.745	2.797	2.480
	Números Índices	Média 1970/72=100	79	114	92	88	109	111	98
Laranja	Frutos	Milhões	73.352	76.472	89.016	87.803	94.682	98.411	93.855
	Números Índices	Média 1970/72=100	434	452	526	519	560	582	555
Mandioca	Toneladas	Milhares	23.500	21.603	23.668	24.322	24.538	21.919	21.865
	Números Índices	Média 1970/72=100	79	72	79	81	82	73	73
Milho em grão	Toneladas	Milhares	26.787	24.701	26.573	21.348	23.642	30.506	30.004
	Números Índices	Média 1970/72=100	186	171	184	148	164	212	208
Soja em grão	Toneladas	Milhares	16.679	18.049	24.071	19.898	14.938	19.215	22.558
	Números Índices	Média 1970/72=100	748	795	1.060	877	658	846	994
Trigo em grão	Toneladas	Milhares	6.099	5.549	5.553	3.094	2.917	2.796	2.153
	Números Índices	Média 1970/72=100	378	344	344	191	181	173	133
Carne bovina	Toneladas	Milhares	2.262	2.581	2.748	2.836	2.885	3.062	3.080
	Números Índices	Média 1970/72=100	118	135	144	148	151	160	161
Carne suína	Toneladas	Milhares	983	1.101	1.047	1.149	1.157	1.289	1.216
	Números Índices	Média 1970/72=100	126	141	134	147	148	165	156
Carne de frango	Toneladas	Milhares	1.854	2.000	2.145	2.422	2.700	2.950	3.214
	Números Índices	Média 1970/72=100	466	503	539	609	678	741	808
Ovos	Dúzias	Milhões	1.235	1.178	1.187	1.230	1.315	1.415	1.334
	Números Índices	Média 1970/72=100	350	334	336	348	373	402	378
Leite	Litros	Milhões	13.399	13.941	14.532	14.933	15.547	15.465	15.671
	Números Índices	Média 1970/72=100	183	190	198	203	212	211	213

Fonte: Dados do IBGE processados pelo IEA/SAA-SP.

leite - tiveram um crescimento lento porém sustentado; em três outros - cacau, café e feijão - houve grandes flutuações; e apenas seis - cana-de-açúcar, cebola, laranja, soja, carne de frango e ovos - tiveram um crescimento acelerado durante o período todo.

A evolução recente das áreas colhidas das quinze principais lavouras figura na tabela 6, por meio da qual se pode constatar - no conjunto - a ocorrência de um crescimento com interrupções entre 1973 e 1982, e de uma redução generalizada a partir de 1989. Seis produtos - algodão, amendoim, arroz, batata, café e mandioca - tiveram reduções de áreas em termos absolutos e uma conseqüente diminuição de suas taxas de participação no conjunto. Dois outros, o feijão e o trigo, apresentaram flutuações e uma participação também decrescente, enquanto o milho, apesar das variações de sua área colhida, conseguiu manter inalterada sua participação. Apenas seis produtos - banana, cacau, cana-de-açúcar, cebola, laranja e soja - tiveram uma expansão acentuada em suas áreas colhidas, redundando em aumentos das suas respectivas taxas de participação na área total.

Quanto aos preços recebidos, cuja evolução recente figura na tabela 7, apenas três produtos - banana, cana-de-açúcar e mandioca - tiveram altas contínuas e sistemáticas, enquanto o milho apresentou preços estáveis com tendência à elevação. O comportamento mais comum foi de flutuações sem tendência definida - nos casos do algodão, cacau, café, feijão e da laranja - ou com tendências à baixa - como ocorreu com a cebola e o trigo. Três produtos - arroz, carne bovina e carne suína - apresentaram preços estáveis com tendência à baixa, e esta foi dominante em relação à batata, soja, carne de frango, ovos e leite. É interessante observar que todos os produtos de origem animal tiveram preços declinantes ao longo do período, contrariamente ao que se verificou na maioria das lavouras.

Os rendimentos físicos, que constam da tabela 8, melhoraram na maioria das lavouras, com exceção dos casos da banana, do feijão e da mandioca, que se mantiveram estáveis em baixos níveis de produtividade. Três outros produtos - cacau, café e trigo - apresentaram amplas flutuações sem uma tendência definida. Houve também flutuações, mas com tendência à elevação no final do período, no algodão e na soja. Quatro produtos - arroz, amendoim, cana-de-açúcar e laranja - mantiveram-se estáveis, com tendências à elevação no final do período, e apenas três - batata,

cebola e milho - tiveram altas contínuas e sistemáticas.

Através do cruzamento dos dados das tabelas 4 e 6, tornou-se possível construir a tabela 9, que apresenta a evolução recente dos rendimentos monetários (valores por hectare) das quinze lavouras em questão. Apenas duas delas - a soja e o trigo - tiveram uma tendência à baixa. Em outras seis - arroz, banana, batata, cana-de-açúcar, cebola e feijão - houve uma estabilidade relativa. O cacau, em compensação, apresentou amplas flutuações, e as seis lavouras restantes - algodão, amendoim, café, laranja, mandioca e milho - também tiveram flutuações, mas menores e com tendência à alta.

3 - CRÍTICA DE AVALIAÇÕES CORRENTES

Em trabalho anterior (SZMRECSÁNYI & RAMOS, 1994), foi abordada a contribuição das políticas agrícolas para a modernização da agropecuária brasileira no período 1930-1980. Destacou-se que a principal política que possibilitou a expansão do setor entre 1965 e 1980 foi a do crédito rural subsidiado. Para o que interessa aqui, cabe lembrar que foi exatamente no período posterior ao que escreveu Ruy Miller Paiva (pós-1974) que ocorreu a deterioração do aspecto distributivo dessa política. Como observado, foi com o agravamento do processo inflacionário a partir de 1974 que se passou a ter significativos subsídios implícitos no crédito rural, o que se juntou ao privilegiamento aos maiores proprietários no pós-1969. Segundo trabalhos recentes, os subsídios acabaram perdurando até meados dos anos oitenta, tendo sido cobradas taxas reais positivas de juros apenas a partir de 1987 (ver os dados apresentados por GOLDIN & REZENDE, 1993), embora caiba esclarecer que a busca de diminuição dos subsídios implícitos iniciou-se mais formalmente em 1983. Obviamente, isso deixou de ocorrer devido, entre outros fatores, ao agravamento do processo inflacionário, cuja taxa anual passou de 99,8% em 1982 para 211% em 1983, 224% em 1984 e 235% em 1985.

A política de crédito rural começou a perder fôlego ao se iniciar os anos oitenta, já que o seu maior valor real foi atingido em 1979. Em 1984 o montante total situou-se em 37% do que havia sido naquele ano, tendo voltado a crescer depois, atingido em 1986 seu maior montante até 1991, quando então situou-se praticamente no mesmo nível de 1970 (ver dados, além

TABELA 6 - Evolução Recente das Áreas Colhidas das Principais Lavouras do Brasil

(continua)

Produto	Indicadores	Unidades	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979
Algodão em caroço	Hectares	Milhares	4.319	3.845	3.876	3.409	4.097	3.951	3.646
	Números índices	Média 1970/72=100	97	87	87	77	92	89	82
	Taxas de participação	%	11,9	9,8	9,5	8,1	9,4	8,9	8,0
Amendoim em casca	Hectares	Milhares	506	374	345	371	229	254	289
	Números índices	Média 1970/72=100	70	52	48	52	32	35	40
	Taxas de participação	%	1,4	1,0	0,8	0,9	0,5	0,6	0,6
Arroz em grão	Hectares	Milhares	4.795	4.665	5.306	6.656	5.992	5.624	5.452
	Números índices	Média 1970/72=100	99	96	109	137	123	116	112
	Taxas de participação	%	13,2	11,9	13,0	15,7	13,7	12,7	12,0
Banana em cachos	Hectares	Milhares	310	310	314	312	352	328	344
	Números índices	Média 1970/72=100	115	115	117	116	131	122	128
	Taxa de participação	%	0,8	0,8	0,8	0,7	0,8	0,7	0,7
Batata-inglesa	Hectares	Milhares	189	192	191	200	196	211	204
	Números índices	Média 1970/72=100	91	92	92	96	94	101	98
	Taxa de participação	%	0,5	0,5	0,5	0,5	0,4	0,5	0,4
Cacau em amêndoas	Hectares	Milhares	416	515	451	407	413	444	454
	Números índices	Média 1970/72=100	95	117	103	93	94	101	103
	Taxa de participação	%	1,1	1,3	1,1	1,0	0,9	1,0	1,0
Café em coco	Hectares	Milhares	2.080	2.155	2.217	1.121	1.941	2.184	2.406
	Números índices	Média 1970/72=100	88	92	94	48	82	93	102
	Taxa de participação	%	5,7	5,5	5,4	2,6	4,4	4,9	5,3
Cana-de-açúcar	Hectares	Milhares	1.959	2.057	1.969	2.093	2.270	2.391	2.537
	Números índices	Média 1970/72=100	112	117	112	119	130	136	145
	Taxa de participação	%	5,4	5,3	4,8	5,0	5,2	5,4	5,6
Cebola	Hectares	Milhares	49	53	52	58	61	57	69
	Números índices	Média 1970/72=100	94	102	100	112	117	110	133
	Taxa de participação	%	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,2
Feijão em grão	Hectares	Milhares	3.815	4.289	4.145	4.059	4.551	4.617	4.212
	Números índices	Média 1970/72=100	100	113	109	107	120	122	111
	Taxa de participação	%	10,5	11,0	10,1	9,6	10,4	10,4	9,2
Laranja	Hectares	Milhares	449	350	403	414	422	455	475
	Números índices	Média 1970/72=100	207	161	186	191	194	210	219
	Taxa de participação	%	1,2	0,9	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0
Mandioca	Hectares	Milhares	2.104	2.006	2.041	2.094	2.176	2.149	2.111
	Números índices	Média 1970/72=100	103	98	100	102	106	105	103
	Taxa de participação	%	5,8	5,1	5,0	5,0	5,0	4,8	4,6
Milho em grão	Hectares	Milhares	9.924	10.672	10.855	11.118	11.797	11.125	11.319
	Números índices	Média 1970/72=100	96	103	105	108	114	108	110
	Taxa de participação	%	27,3	27,3	26,5	26,3	27,0	25,1	24,8
Soja em grão	Hectares	Milhares	3.615	5.143	5.824	6.417	7.070	7.782	8.256
	Números índices	Média 1970/72=100	208	295	334	368	406	447	474
	Taxa de participação	%	9,9	13,1	14,2	15,2	16,2	17,5	18,1
Trigo em grão	Hectares	Milhares	1.839	2.471	2.932	3.540	2.153	2.811	3.831
	Números índices	Média 1970/72=100	85	114	136	164	100	130	177
	Taxa de participação	%	5,1	6,3	7,2	8,4	4,9	6,3	8,4
Total dos 15 produtos	Hectares	Milhares	36.369	39.097	40.921	42.269	43.720	44.383	45.605
	Números índices	Média 1970/72=100	103	111	116	120	124	125	129

Fonte: Dados do IBGE e da FGV processados e deflacionados pelo IEA/SAA-SP.

TABELA 6 - Evolução Recente das Áreas Colhidas das Principais Lavouras do Brasil

(continua)

Produto	Indicadores	Unidades	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986
Algodão em caroço	Hectares	Milhares	3.699	3.511	3.624	2.926	3.114	3.590	3.160
	Números índices	Média 1970/72=100	83	79	82	66	70	81	71
	Taxas de participação	%	7,9	7,6	7,5	6,8	6,6	7,4	6,3
Amendoim em casca	Hectares	Milhares	313	245	237	212	151	193	162
	Números índices	Média 1970/72=100	44	34	33	30	21	27	23
	Taxas de participação	%	0,7	0,5	0,5	0,5	0,3	0,4	0,3
Arroz em grão	Hectares	Milhares	624,3	6.102	6.025	5.108	5.351	4.755	5.585
	Números índices	Média 1970/72=100	129	126	124	105	110	99	115
	Taxas de participação	%	13,3	13,2	12,5	11,9	11,4	9,8	11,1
Banana em cachos	Hectares	Milhares	371	388	396	396	396	418	431
	Números índices	Média 1970/72=100	138	144	147	147	147	155	160
	Taxa de participação	%	0,8	0,8	0,8	0,9	0,8	0,9	0,9
Batata-inglesa	Hectares	Milhares	181	171	183	169	173	155	161
	Números índices	Média 1970/72=100	87	82	88	81	83	75	77
	Taxa de participação	%	0,4	0,4	0,4	0,4	0,4	0,3	0,3
Cacau em amêndoas	Hectares	Milhares	483	505	533	591	586	649	655
	Números índices	Média 1970/72=100	110	115	121	135	133	148	149
	Taxa de participação	%	1,0	1,1	1,1	1,4	1,3	1,3	1,3
Café em coco	Hectares	Milhares	2.434	2.618	1.895	2.346	2.505	2.534	2.591
	Números índices	Média 1970/72=100	103	111	81	100	106	108	110
	Taxa de participação	%	5,2	5,7	3,9	5,5	5,3	5,2	5,1
Cana-de-açúcar	Hectares	Milhares	2.608	2.826	3.084	3.479	3.656	3.912	3.952
	Números índices	Média 1970/72=100	149	161	176	199	209	223	226
	Taxa de participação	%	5,6	6,1	6,4	8,1	7,8	8,0	7,8
Cebola	Hectares	Milhares	67	74	62	67	69	58	64
	Números índices	Média 1970/72=100	129	142	119	129	133	112	123
	Taxa de participação	%	0,1	0,2	0,1	0,2	0,1	0,1	0,1
Feijão em grão	Hectares	Milhares	4.643	5.027	5.926	4.064	5.320	5.316	5.478
	Números índices	Média 1970/72=100	122	132	156	107	140	140	144
	Taxa de participação	%	9,9	10,9	12,3	9,5	11,3	10,9	10,8
Laranja	Hectares	Milhares	575	575	590	624	632	663	708
	Números índices	Média 1970/72=100	265	265	272	288	291	306	326
	Taxa de participação	%	1,2	1,2	1,2	1,5	1,3	1,4	1,4
Mandioca	Hectares	Milhares	2.016	2.067	2.122	2.061	1.816	1.868	2.052
	Números índices	Média 1970/72=100	98	101	104	101	89	91	100
	Taxa de participação	%	4,3	4,5	4,4	4,8	3,9	3,8	4,1
Milho em grão	Hectares	Milhares	11.451	11.520	12.620	10.706	12.018	11.798	12.466
	Números índices	Média 1970/72=100	111	112	122	104	116	114	121
	Taxa de participação	%	24,4	25,0	26,1	25,0	25,6	24,2	24,7
Soja em grão	Hectares	Milhares	877	850	820	813	942	1.503	9.182
	Números índices	Média 1970/72=100	504	488	471	467	541	583	527
	Taxa de participação	%	18,7	18,5	17,0	19,0	20,1	20,8	18,2
Trigo em grão	Hectares	Milhares	3.122	1.920	2.828	1.879	1.742	2.677	3.864
	Números índices	Média 1970/72=100	144	89	131	87	81	124	179
	Taxa de participação	%	6,6	4,2	5,9	4,4	3,7	5,5	7,6
Total dos 15 produtos	Hectares	Milhares	46.980	46.050	48.328	42.765	46.950	48.739	50.511
	Números índices	Média 1970/72=100	133	130	137	121	133	138	143

Fonte: Dados do IBGE e da FGV processados e deflacionados pelo IEA/SAA-SP.

TABELA 6 - Evolução Recente das Áreas Colhidas das Principais Lavouras do Brasil

Produto	Indicadores	Unidades	(conclusão)						
			1987	1988	1989	1990	1991	1992	1993
Algodão em caroço	Hectares	Milhares	1.973	2.555	2.125	1.904	1.831	1.878	1.060
	Números índices	Média 1970/72=100	44	58	48	43	41	42	24
	Taxas de participação	%	3,9	4,9	4,1	4,0	4,0	3,9	2,4
Amendoim em casca	Hectares	Milhares	142	102	86	84	89	101	85
	Números índices	Média 1970/72=100	20	14	12	12	12	14	12
	Taxas de participação	%	0,3	0,2	0,2	0,2	0,2	0,2	0,2
Arroz em grão	Hectares	Milhares	6.000	5.961	5.250	3.947	4.122	4.687	4.421
	Números índices	Média 1970/72=100	124	123	108	81	85	97	91
	Taxas de participação	%	11,9	11,3	10,0	8,3	9,1	9,8	10,1
Banana em cachos	Hectares	Milhares	448	460	483	488	491	516	521
	Números índices	Média 1970/72=100	167	171	180	181	183	192	194
	Taxa de participação	%	0,9	0,9	0,9	1,0	1,1	1,1	1,2
Batata-inglesa	Hectares	Milhares	177	173	157	158	162	173	162
	Números índices	Média 1970/72=100	85	83	75	76	78	83	78
	Taxa de participação	%	0,4	0,3	0,3	0,3	0,4	0,4	0,4
Cacau em amêndoas	Hectares	Milhares	649	663	660	665	668	731	733
	Números índices	Média 1970/72=100	148	151	150	151	152	167	167
	Taxa de participação	%	1,3	1,3	1,3	1,4	1,5	1,5	1,7
Café em coco	Hectares	Milhares	2.761	2.930	3.027	2.909	2.763	2.500	2.257
	Números índices	Média 1970/72=100	117	125	129	124	117	106	96
	Taxa de participação	%	5,5	5,6	5,8	6,1	6,1	5,2	5,2
Cana-de-açúcar	Hectares	Milhares	4.310	4.129	4.076	4.273	4.211	4.203	3.863
	Números índices	Média 1970/72=100	246	236	233	244	240	240	220
	Taxa de participação	%	8,5	7,8	7,8	9,0	9,2	8,8	8,9
Cebola	Hectares	Milhares	75	70	74	75	77	76	72
	Números índices	Média 1970/72=100	144	135	142	144	148	146	138
	Taxa de participação	%	0,1	0,1	0,1	0,2	0,2	0,2	0,2
Feijão em grão	Hectares	Milhares	5.222	5.904	5.181	4.680	5.434	5.149	3.886
	Números índices	Média 1970/72=100	138	155	136	123	72	136	102
	Taxa de participação	%	10,3	11,2	9,9	9,8	11,9	10,8	8,9
Laranja	Hectares	Milhares	725	816	883	913	983	989	799
	Números índices	Média 1970/72=100	334	376	407	216	453	456	368
	Taxa de participação	%	1,4	1,6	1,7	1,9	2,2	2,1	1,8
Mandioca	Hectares	Milhares	1.935	1.758	1.881	1.938	1.945	1.926	1.813
	Números índices	Média 1970/72=100	94	86	92	95	95	94	88
	Taxa de participação	%	3,8	3,3	3,6	4,1	4,3	4,0	4,2
Milho em grão	Hectares	Milhares	13.499	13.153	12.932	11.384	11.064	13.364	11.868
	Números índices	Média 1970/72=100	131	127	125	110	107	130	115
	Taxa de participação	%	26,7	25,0	24,7	23,9	24,3	28,0	27,2
Soja em grão	Hectares	Milhares	9.132	10.515	12.211	11.487	9.617	9.441	10.627
	Números índices	Média 1970/72=100	524	604	701	659	552	542	610
	Taxa de participação	%	18,1	20,0	23,3	24,1	21,1	19,8	24,4
Trigo em grão	Hectares	Milhares	3.455	3.441	3.281	2.681	2.049	1.956	1.462
	Números índices	Média 1970/72=100	160	159	152	124	95	91	68
	Taxa de participação	%	6,8	6,5	6,3	5,6	4,5	4,1	3,3
Total dos 15 produtos	Hectares	Milhares	50.503	52.630	52.307	47.586	45.506	47.690	43.629
	Números índices	Média 1970/72=100	143	149	148	135	129	135	123

Fonte: Dados do IBGE e da FGV processados e deflacionados pelo IEA/SAA-SP.

TABELA 7 - Evolução Recente dos Preços Recebidos pela Produção Agropecuária no Brasil

(valores constantes - julho 1995)

(continua)

Produto	Indicadores	Unidades	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979
Algodão em caroço	Preços	RS/kg	0,45	0,55	0,46	0,71	0,57	0,50	0,50
	Números Índices	Média 1970/72=100	122	149	124	192	154	135	135
Amendoim em casca	Preços	RS/kg	0,42	0,36	0,41	0,34	0,45	0,46	0,37
	Números Índices	Média 1970/72=100	162	138	158	131	173	177	142
Arroz em grão	Preços	RS/kg	0,32	0,40	0,50	0,33	0,27	0,35	0,40
	Números Índices	Média 1970/72=100	107	133	167	110	90	117	133
Banana em cachos	Preços	RS/dúzia	0,16	0,17	0,24	0,26	0,22	0,24	0,23
	Números Índices	Média 1970/72=100	123	131	185	200	169	185	177
Batata-inglesa	Preços	RS/kg	0,63	0,48	0,40	0,55	0,47	0,49	0,34
	Números Índices	Média 1970/72=100	197	150	125	172	147	153	106
Cacau em amêndoas	Preços	RS/kg	1,31	1,56	1,09	1,72	3,36	2,43	2,04
	Números Índices	Média 1970/72=100	196	233	163	257	501	369	364
Café em coco	Preços	RS/kg	0,40	0,41	0,43	0,81	1,01	0,64	0,55
	Números Índices	Média 1970/72=100	143	146	154	289	361	229	196
Cana-de-açúcar	Preços	RS/t	11,62	12,79	15,55	16,12	15,34	15,04	14,87
	Números Índices	Média 1970/72=100	102	112	137	142	135	132	131
Cebola	Preços	RS/kg	1,05	0,54	0,75	0,89	0,68	2,57	0,77
	Números Índices	Média 1970/72=100	214	110	153	182	139	524	157
Feijão em grão	Preços	RS/kg	0,75	0,53	0,50	0,87	0,67	0,44	0,50
	Números Índices	Média 1970/72=100	192	136	128	223	172	113	128
Laranja	Preços	RS/cento	1,54	1,54	1,24	1,43	1,69	1,66	1,53
	Números Índices	Média 1970/72=100	108	102	87	100	118	116	107
Mandioca	Preços	RS/t	36,43	38,82	45,52	82,35	106,46	90,55	68,74
	Números Índices	Média 1970/72=100	110	118	138	249	322	274	208
Milho em grão	Preços	RS/kg	0,13	0,13	0,14	0,14	0,11	0,13	0,14
	Números Índices	Média 1970/72=100	130	130	140	140	110	130	140
Soja em grão	Preços	RS/kg	1,33	0,93	0,94	0,75	1,30	0,95	0,87
	Números Índices	Média 1970/72=100	168	118	119	95	165	120	110
Trigo em grão	Preços	RS/kg	0,53	0,64	0,71	0,65	0,60	0,61	0,53
	Números Índices	Média 1970/72=100	96	116	129	118	109	111	96
Carne bovina	Preços	RS/kg	3,43	3,75	3,17	2,74	2,58	3,34	4,69
	Números Índices	Média 1970/72=100	143	156	132	114	107	139	195
Carne suína	Preços	RS/kg	2,19	2,84	2,37	1,97	2,31	2,14	2,63
	Números Índices	Média 1970/72=100	123	160	133	111	130	120	148
Carne de frango	Preços	RS/kg	2,94	2,96	2,85	2,58	2,44	2,50	2,73
	Números Índices	Média 1970/72=100	120	121	119	106	100	102	112
Ovos	Preços	RS/dúzia	2,13	2,19	1,88	1,86	1,78	1,73	1,66
	Números Índices	Média 1970/72=100	118	122	104	103	99	96	92
Leite	Preços	RS/litro	0,52	0,63	0,71	0,62	0,64	0,64	0,58
	Números Índices	Média 1970/72=100	116	140	158	138	142	142	129

Fonte: Dados da FGV processados e deflacionados pelo IEA/SAA-SP.

TABELA 7 - Evolução Recente dos Preços Recebidos pela Produção Agropecuária no Brasil

(valores constantes - julho 1995)

(continua)

Produto	Indicadores	Unidades	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986
Algodão em caroço	Preços	RS/kg	0.49	0.45	0.38	0.50	0.51	0.37	0.40
	Números Índices	Média 1970/72 = 100	132	122	103	135	138	100	108
Amendoim em casca	Preços	RS/kg	0.29	0.39	0.25	0.32	0.44	0.30	0.29
	Números Índices	Média 1970/72 = 100	112	150	96	123	169	115	112
Arroz em grão	Preços	RS/kg	0.37	0.28	0.32	0.32	0.26	0.30	0.28
	Números Índices	Média 1970/72 = 100	123	93	107	107	87	100	93
Banana em cachos	Preços	RS/dúzia	0.22	0.21	0.21	0.19	0.18	0.15	0.21
	Números Índices	Média 1970/72 = 100	169	162	162	146	138	115	162
Batata-inglesa	Preços	RS/kg	0.73	0.53	0.31	0.75	0.35	0.42	0.74
	Números Índices	Média 1970/72 = 100	228	166	97	234	109	131	231
Cacau em amêndoas	Preços	RS/kg	1.47	1.14	0.85	1.39	1.19	1.57	1.31
	Números Índices	Média 1970/72 = 100	219	170	127	207	178	234	196
Café em coco	Preços	RS/kg	0.49	0.33	0.33	0.28	0.33	0.52	1.01
	Números Índices	Média 1970/72 = 100	175	118	118	100	118	186	361
Cana-de-açúcar	Preços	RS/t	15.96	15.80	15.24	14.32	13.05	11.85	9.43
	Números Índices	Média 1970/72 = 100	140	139	134	126	115	104	83
Cebola	Preços	RS/kg	0.80	0.27	0.71	0.71	0.52	1.24	0.77
	Números Índices	Média 1970/72 = 100	163	55	145	145	106	253	157
Feijão em grão	Preços	RS/kg	0.91	0.85	0.41	0.57	0.62	0.42	0.49
	Números Índices	Média 1970/72 = 100	233	218	105	146	150	108	126
Laranja	Preços	RS/cento	1.21	1.37	1.35	1.04	1.81	1.79	1.45
	Números Índices	Média 1970/72 = 100	85	96	94	73	127	125	101
Mandioca	Preços	RS/t	63.90	54.36	33.27	29.47	46.56	36.15	25.71
	Números Índices	Média 1970/72 = 100	194	165	101	89	141	109	78
Milho em grão	Preços	RS/kg	0.15	0.13	0.10	0.16	0.13	0.12	0.13
	Números Índices	Média 1970/72 = 100	150	130	100	160	130	120	130
Soja em grão	Preços	RS/kg	0.73	0.67	0.69	0.62	0.60	0.49	0.44
	Números Índices	Média 1970/72 = 100	92	85	87	78	76	62	56
Trigo em grão	Preços	RS/kg	0.45	0.52	0.58	0.55	0.56	0.73	0.70
	Números Índices	Média 1970/72 = 100	82	95	105	100	102	133	127
Carne bovina	Preços	RS/kg	4.17	2.87	2.41	2.72	3.11	2.75	3.21
	Números Índices	Média 1970/72 = 100	174	120	100	113	130	115	134
Carne suína	Preços	RS/kg	2.28	1.63	1.85	1.87	2.20	2.02	2.27
	Números Índices	Média 1970/72 = 100	128	92	104	105	124	113	128
Carne de frango	Preços	RS/kg	2.32	1.90	1.69	1.89	2.07	1.87	2.12
	Números Índices	Média 1970/72 = 100	95	78	69	77	85	77	87
Ovos	Preços	RS/dúzia	1.41	1.31	4.50	1.32	1.56	1.17	1.41
	Números Índices	Média 1970/72 = 100	78	73	250	73	87	65	78
Leite	Preços	RS/litro	0.60	0.61	0.51	0.49	0.45	0.43	0.41
	Números Índices	Média 1970/72 = 100	133	136	113	109	100	96	91

Fonte: Dados da FGV processados e deflacionados pelo IEA/SAA-SP.

TABELA 7 - Evolução Recente dos Preços Recebidos pela Produção Agropecuária no Brasil

(valores constantes - julho 1995)

(conclusão)

Produto	Indicadores	Unidades	1987	1988	1989	1990	1991	1992	1993
Algodão em caroço	Preços	R\$/kg	0,92	0,64	0,60	0,55	0,57	0,50	0,56
	Números Índices	Média 1970/72=100	249	173	162	149	154	135	151
Amendoim em casca	Preços	R\$/kg	0,42	0,53	0,50	0,47	0,56	0,39	0,50
	Números Índices	Média 1970/72=100	162	204	192	181	215	150	192
Arroz em grão	Preços	R\$/kg	0,29	0,31	0,29	0,28	0,36	0,27	0,26
	Números Índices	Média 1970/72=100	97	103	97	93	120	90	87
Banana em cachos	Preços	R\$/dúzia	0,35	0,28	0,32	0,37	0,38	0,28	0,29
	Números Índices	Média 1970/72=100	269	215	246	285	292	215	223
Batata-inglesa	Preços	R\$/kg	0,40	0,32	0,37	0,43	0,46	0,30	0,33
	Números Índices	Média 1970/72=100	125	100	116	134	144	94	103
Cacau em amêndoas	Preços	R\$/kg	3,32	2,46	1,84	1,22	1,39	1,37	1,21
	Números Índices	Média 1970/72=100	496	367	367	182	207	204	181
Cafê em coco	Preços	R\$/kg	1,16	0,94	0,84	0,73	0,69	0,60	0,76
	Números Índices	Média 1970/72=100	414	336	300	261	246	214	271
Cana-de-açúcar	Preços	R\$/t	21,95	17,93	16,94	15,95	17,05	17,70	15,81
	Números Índices	Média 1970/72=100	193	157	149	140	150	155	139
Cebola	Preços	R\$/kg	0,42	0,63	0,69	0,74	0,44	0,46	0,47
	Números Índices	Média 1970/72=100	86	129	141	151	90	94	96
Feijão em grão	Preços	R\$/kg	0,99	0,52	0,68	0,85	0,84	0,65	0,82
	Números Índices	Média 1970/72=100	254	133	174	218	215	167	210
Laranja	Preços	R\$/cento	3,67	4,90	4,40	3,91	3,01	2,96	2,34
	Números Índices	Média 1970/72=100	257	343	308	273	210	207	164
Mandioca	Preços	R\$/t	75,17	96,66	76,69	56,72	67,93	76,78	76,19
	Números Índices	Média 1970/72=100	228	293	232	172	206	233	231
Milho em grão	Preços	R\$/kg	0,20	0,23	0,21	0,19	0,20	0,18	0,19
	Números Índices	Média 1970/72=100	200	230	210	190	200	180	190
Soja em grão	Preços	R\$/kg	0,40	0,50	0,50	0,23	0,28	0,29	0,29
	Números Índices	Média 1970/72=100	51	63	63	29	35	37	37
Trigo em grão	Preços	R\$/kg	0,39	0,32	0,25	0,18	0,18	0,22	0,20
	Números Índices	Média 1970/72=100	71	58	45	33	33	40	36
Carne bovina	Preços	R\$/kg	3,04	2,47	2,46	2,46	2,27	2,16	2,29
	Números Índices	Média 1970/72=100	127	103	102	102	95	90	95
Carne suína	Preços	R\$/kg	1,44	1,48	1,48	1,47	1,41	1,22	1,36
	Números Índices	Média 1970/72=100	81	83	83	83	79	69	76
Carne de frango	Preços	R\$/kg	1,73	1,55	1,58	1,60	1,36	1,20	1,21
	Números Índices	Média 1970/72=100	71	64	65	66	56	49	50
Ovos	Preços	R\$/dúzia	0,97	0,92	0,96	0,99	0,87	0,84	0,94
	Números Índices	Média 1970/72=100	54	51	53	55	48	47	52
Leite	Preços	R\$/litro	0,51	0,37	0,36	0,37	0,35	0,33	0,34
	Números Índices	Média 1970/72=100	113	82	80	82	78	73	76

Fonte: Dados da FGV processados e deflacionados pelo IEA/SAA-SP.

TABELA 8 - Evolução Recente dos Rendimentos Físicos das Principais Lavouras Brasileiras

(continua)

Produto	Indicadores e unidades	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979
Algodão em caroço	kg/ha	526	499	451	370	464	878	449
	Índices: média 1970/72=100	104	99	89	73	92	174	89
Amendoim em casca	kg/ha	1.166	1.212	1.281	1.373	1.402	1.281	1.599
	Índices: média 1970/72=100	89	93	98	105	107	98	122
Arroz em grão	kg/ha	1.493	1.450	1.466	1.466	1.501	1.297	1.393
	Índices: média 1970/72=100	99	97	98	98	100	86	93
Banana em cachos	Dúzias/ha	12.549	12.512	12.755	13.479	13.374	13.940	13.088
	Índices: média 1970/72=100	59	59	60	63	63	66	62
Batata-inglesa	kg/ha	7.087	8.697	8.654	9.505	9.687	9.530	10.554
	Índices: média 1970/72=100	93	118	114	125	128	125	139
Cacau em amêndoas	kg/ha	471	320	625	569	605	641	742
	Índices: média 1970/72=100	93	63	124	112	120	127	147
Café em coco	kg/ha	839	1.499	1.148	671	1.005	1.161	1.108
	Índices: média 1970/72=100	90	160	123	72	107	124	118
Cana-de-açúcar	kg/ha	46.965	46.494	46.477	49.283	52.899	54.003	54.750
	Índices: média 1970/72=100	101	100	100	106	113	113	117
Cebola	kg/ha	6.220	6.364	6.630	7.476	7.982	7.982	10.001
	Índices: média 1970/72=100	113	116	121	136	146	146	182
Feijão em grão	kg/ha	585	522	551	453	503	503	519
	Índices: média 1970/72=100	88	78	83	68	76	76	78
Laranja	Frutos/ha	54.871	84.655	78.290	86.580	84.949	86.098	88.896
	Índices: média 1970/72=100	70	109	100	111	109	110	114
Mandioca	kg/ha	12.609	12.360	12.794	12.153	11.919	11.849	11.825
	Índices: média 1970/72=100	87	85	88	83	82	81	81
Milho em grão	kg/ha	1.430	1.525	1.505	1.597	1.632	1.220	1.441
	Índices: média 1970/72=100	102	109	108	114	117	87	103
Soja em grão	kg/ha	1.386	1.531	1.699	1.750	1.770	1.226	1.240
	Índices: média 1970/72=100	106	117	130	134	136	94	95
Trigo em grão	kg/ha	1.104	1.157	610	908	959	957	764
	Índices: média 1970/72=100	148	155	82	122	129	128	102

Fonte: Dados do IBGE processados pelo IEA/SAA.

TABELA 8 - Evolução Recente dos Rendimentos Físicos das Principais Lavouras Brasileiras

(continua)

Produto	Indicadores e unidades	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986
Algodão em caroço	kg/ha	453	493	532	546	694	796	732
	Índices: média 1970/72=100	90	97	105	108	137	157	145
Amendoim em casca	kg/ha	1.543	1.450	1.340	1.198	1.650	1.756	1.340
	Índices: média 1970/72=100	118	111	102	91	126	134	102
Arroz em grão	kg/ha	1.566	1.349	1.616	1.516	1.687	1.898	1.857
	Índices: média 1970/72=100	104	90	108	101	112	126	124
Banana em cachos	Dúzias/ha	13.274	12.688	12.633	12.145	13.085	12.676	12.904
	Índices: média 1970/72=100	62	60	59	57	62	60	61
Batata-inglesa	kg/ha	10.711	11.183	11.807	11.804	12.577	12.540	11.426
	Índices: média 1970/72=100	141	147	155	142	166	165	150
Cacau em amêndoas	kg/ha	661	665	658	644	563	664	700
	Índices: média 1970/72=100	131	131	130	127	111	131	138
Café em coco	kg/ha	872	1.553	1.011	1.425	1.134	1.508	804
	Índices: média 1970/72=100	93	166	108	152	121	161	86
Cana-de-açúcar	kg/ha	57.006	55.177	60.515	62.101	60.812	63.189	60.523
	Índices: média 1970/72=100	122	118	130	133	130	135	130
Cebola	kg/ha	10.360	10.484	10.747	10.849	10.349	11.026	10.038
	Índices: média 1970/72=100	189	191	196	198	189	201	183
Feijão em grão	kg/ha	424	466	490	389	494	479	403
	Índices: média 1970/72=100	64	70	74	58	74	72	61
Laranja	Frutos/ha	94.670	99.072	98.295	93.805	102.389	107.187	94.476
	Índices: média 1970/72=100	121	127	126	121	131	138	121
Mandioca	kg/ha	11.641	11.859	11.344	10.600	11.824	12.379	12.488
	Índices: média 1970/72=100	80	81	78	73	81	85	86
Milho em grão	kg/ha	1.779	1.833	1.731	1.750	1.761	1.866	1.647
	Índices: média 1970/72=100	127	131	124	125	126	134	118
Soja em grão	kg/ha	1.727	1.765	1.565	1.792	1.650	1.800	1.452
	Índices: média 1970/72=100	136	135	120	138	127	138	114
Trigo em grão	kg/ha	865	1.151	646	1.190	1.139	1.614	1.472
	Índices: média 1970/72=100	116	154	87	160	153	216	197

Fonte: Dados do IBGE, processados pelo IEA/SAA.

TABELA 8 - Evolução Recente dos Rendimentos Físicos das Principais Lavouras Brasileiras

		(conclusão)						
Produto	Indicadores e unidades	1987	1988	1989	1990	1991	1992	1993
Algodão em caroço	kg/ha	848	981	875	957	1.136	1.004	1.071
	Índices: média 1970/72=100	168	194	173	189	225	198	212
Amendoim em casca	kg/ha	1.371	1.671	1.767	1.655	1.572	1.711	1.764
	Índices: média 1970/72=100	105	128	135	126	120	131	135
Arroz em grão	kg/ha	1.738	1.853	2.104	1.880	2.302	2.135	2.294
	Índices: média 1970/72=100	116	123	140	125	153	142	153
Banana em cachos	Dúzias/ha	12.641	12.354	12.530	12.413	12.422	11.992	11.793
	Índices: média 1970/72=100	59	58	59	58	58	56	56
Batata-inglesa	kg/ha	13.237	13.329	13.602	14.108	14.026	14.043	14.594
	Índices: média 1970/72=100	174	175	179	186	185	185	192
Cacau em amêndoas	kg/ha	507	517	595	536	481	449	464
	Índices: média 1970/72=100	100	102	118	106	95	89	92
Café em coco	kg/ha	1.530	902	1.011	1.007	1.100	1.035	1.132
	Índices: média 1970/72=100	164	96	108	108	118	111	121
Cana-de-açúcar	kg/ha	62.311	62.623	61.985	61.476	61.955	64.597	63.237
	Índices: média 1970/72=100	134	134	133	132	133	138	136
Cebola	kg/ha	11.370	10.839	10.802	11.643	11.579	11.739	12.938
	Índices: média 1970/72=100	207	198	197	212	211	214	236
Feijão em grão	kg/ha	384	489	446	477	505	543	638
	Índices: média 1970/72=100	58	74	67	72	76	82	96
Laranja	Frutos/ha	101.208	93.733	100.853	86.173	96.279	99.536	117.493
	Índices: média 1970/72=100	130	120	129	123	124	128	151
Mandioca	kg/ha	12.146	12.286	12.584	12.553	12.616	11.379	12.057
	Índices: média 1970/72=100	83	84	86	86	87	78	83
Milho em grão	kg/ha	1.984	1.878	2.055	1.875	2.135	2.283	2.528
	Índices: média 1970/72=100	142	134	147	134	153	163	181
Soja em grão	kg/ha	1.859	1.716	1.971	1.732	1.553	2.035	2.123
	Índices: média 1970/72=100	143	132	151	133	119	156	163
Trigo em grão	kg/ha	1.765	1.613	1.692	1.154	1.423	1.430	1.473
	Índices: média 1970/72=100	237	216	227	155	191	192	197

Fonte: Dados do IBGE, processados pelo IEA/SAA.

TABELA 9 - Evolução Recente dos Rendimentos Monetários nas Principais Lavouras Brasileiras

(Valores constantes de julho 1995)

(continua)

Produto	Indicadores e unidades	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979
Algodão em caroço	R\$ por ha	236,31	274,63	208,82	262,89	265,00	440,77	226,51
	Índices: média 1970/72=100	124	144	110	138	139	231	119
Amendoim em casca	R\$ por ha	416,91	433,30	519,71	469,27	628,01	586,21	593,87
	Índices: média 1970/72=100	123	128	154	139	186	173	176
Arroz em grão	R\$ por ha	479,79	573,02	728,66	477,93	409,88	448,69	555,67
	Índices: média 1970/72=100	106	127	161	106	91	99	123
Banana em cachos	R\$ por ha	1.993,04	2.130,00	3.014,10	3.460,34	2.939,71	3.391,62	3.064,54
	Índices: média 1970/72=100	72	77	109	125	106	123	111
Batata-inglesa	R\$ por ha	4.480,41	4.221,99	3.436,83	5.227,17	4.507,99	4.643,45	3.619,94
	Índices: média 1970/72=100	186	175	143	217	187	193	150
Cacau em amêndoas	R\$ por ha	618,18	497,89	682,98	981,21	2.034,49	1.556,34	1.513,63
	Índices: média 1970/72=100	181	146	200	288	596	456	444
Café em coco	R\$ por ha	336,17	615,59	493,76	543,44	1.019,26	742,98	606,67
	Índices: média 1970/72=100	129	236	189	208	390	284	232
Cana-de-açúcar	R\$ por ha	545,81	594,61	722,64	794,41	811,23	812,36	813,96
	Índices: média 1970/72=100	103	112	136	150	153	153	153
Cebola	R\$ por ha	6.571,86	3.429,68	5.018,90	6.591,26	5.411,05	22.018,82	7.715,00
	Índices: média 1970/72=100	245	128	187	246	202	822	288
Feijão em grão	R\$ por ha	437,04	278,25	275,10	395,57	336,60	208,21	259,74
	Índices: média 1970/72=100	170	108	107	154	131	81	101
Laranja	R\$ por ha	844,76	1.299,81	968,70	1.240,96	1.437,57	1.427,15	1.357,47
	Índices: média 1970/72=100	75	116	87	111	128	127	121
Mandioca	R\$ por ha	459,26	479,86	582,47	1.000,14	1.268,56	1.072,75	812,87
	Índices: média 1970/72=100	95	100	121	208	264	223	169
Milho em grão	R\$ por ha	183,52	198,93	211,64	217,22	174,67	163,76	207,24
	Índices: média 1970/72=100	129	140	148	152	123	115	145
Soja em grão	R\$ por ha	1.849,75	1.429,39	1.590,80	1.312,70	2.298,31	1.166,17	1.084,64
	Índices: média 1970/72=100	176	136	151	125	218	111	103
Trigo em grão	R\$ por ha	582,30	740,67	435,83	587,49	573,53	584,96	407,75
	Índices: média 1970/72=100	140	178	105	141	138	140	98

Fonte: Tabelas 4 e 6.

TABELA 9 - Evolução Recente dos Rendimentos Monetários nas Principais Lavouras Brasileiras

(Valores constantes de julho 1995)

(continua)

Produto	Indicadores e unidades	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986
Algodão em cravoço	R\$ por ha	223,91	219,92	200,58	275,77	356,02	297,10	295,61
	Índices: média 1970/72=100	118	115	105	145	187	156	155
Amendoim em casca	R\$ por ha	445,76	558,10	331,81	376,82	724,01	523,58	385,76
	Índices: média 1970/72=100	132	165	98	111	214	155	114
Arroz em grão	R\$ por ha	579,48	382,45	515,96	482,23	437,59	578,79	525,86
	Índices: média 1970/72=100	128	85	111	107	97	128	116
Banana em cachos	R\$ por ha	2.869,64	2.716,80	2.689,38	2.283,53	2.300,91	1.963,34	2.662,65
	Índices: média 1970/72=100	104	98	97	82	83	71	96
Batata-inglesa	R\$ por ha	7.772,60	5.889,09	3.673,60	8.154,18	4.346,71	5.278,93	8464,18
	Índices: média 1970/72=100	323	245	153	339	181	219	352
Cacau em amêndoas	R\$ por ha	971,78	760,40	559,45	892,44	667,62	1.042,18	916,77
	Índices: média 1970/72=100	285	223	164	262	196	305	269
Café em coco	R\$ por ha	427,24	507,50	338,02	402,91	376,13	785,20	814,66
	Índices: média 1970/72=100	164	194	129	154	144	301	312
Cana-de-açúcar	R\$ por ha	909,40	871,90	922,38	889,01	793,41	748,61	570,86
	Índices: média 1970/72=100	171	164	174	167	149	141	107
Cebola	R\$ por ha	8.273,94	2.803,69	7.645,44	7.692,12	5.442,22	13.711,33	7.711,56
	Índices: média 1970/72=100	309	105	285	287	203	512	288
Feijão em grão	R\$ por ha	385,11	395,03	199,78	223,01	305,39	202,03	195,99
	Índices: média 1970/72=100	150	154	78	87	119	79	76
Laranja	R\$ por ha	1.146,63	1.356,66	1.331,01	977,24	1.851,73	1.919,26	1.369,05
	Índices: média 1970/72=100	102	121	119	87	165	171	122
Mandioca	R\$ por ha	743,82	644,76	377,46	312,45	550,37	447,52	321,02
	Índices: média 1970/72=100	155	134	78	65	114	93	67
Milho em grão	R\$ por ha	262,77	233,05	172,18	276,88	227,44	223,17	207,16
	Índices: média 1970/72=100	184	164	121	194	160	157	145
Soja em grão	R\$ por ha	1.268,70	1.177,01	1.077,82	1.116,43	986,10	885,06	638,80
	Índices: média 1970/72=100	121	112	102	106	94	84	61
Trigo em grão	R\$ por ha	392,16	601,32	375,11	653,83	611,71	1.175,71	1.026,93
	Índices: média 1970/72=100	94	144	90	157	154	282	247

Fonte: Tabelas 4 e 6.

TABELA 9 - Evolução Recente dos Rendimentos Monetários nas Principais Lavouras Brasileiras

(Valores constantes de julho 1995)

Produto	Indicadores e unidades	(conclusão)						
		1987	1988	1989	1990	1991	1992	1993
Algodão em caroço	R\$ por ha	783,02	627,95	521,07	526,14	647,44	501,97	599,76
	Índices: média 1970/72=100	411	330	274	276	340	264	315
Amendoim em casca	R\$ por ha	581,58	879,90	869,37	770,27	878,46	665,30	888,06
	Índices: média 1970/72=100	172	260	257	228	260	197	263
Arroz em grão	R\$ por ha	496,56	571,31	618,97	526,48	828,52	576,53	596,48
	Índices: média 1970/72=100	110	126	137	116	183	127	132
Banana em cachos	R\$ por ha	4.417,97	3.426,85	4.056,31	4.591,77	4.716,78	3.356,71	3.420,63
	Índices: média 1970/72=100	160	124	147	166	170	121	124
Batata-inglesa	R\$ por ha	5.357,34	4.257,66	5.089,35	6.079,11	6.437,26	4.217,47	4.806,52
	Índices: média 1970/72=100	223	177	211	253	267	175	200
Cacau em amêndoas	R\$ por ha	1.682,93	1.272,87	1.096,70	655,71	666,28	617,22	563,56
	Índices: média 1970/72=100	493	373	321	192	195	181	165
Café em coco	R\$ por ha	1.771,26	848,85	844,78	705,20	759,37	621,30	860,48
	Índices: média 1970/72=100	678	325	323	270	291	238	329
Cana-de-açúcar	R\$ por ha	1.367,69	1.123,05	1.050,12	980,49	1.056,31	1.143,26	999,85
	Índices: média 1970/72=100	257	211	198	185	199	215	188
Cebola	R\$ por ha	4.817,25	6.862,09	7.404,96	8.574,80	5.072,73	5.420,68	6.054,49
	Índices: média 1970/72=100	180	256	277	320	189	202	226
Feijão em grão	R\$ por ha	381,53	252,40	304,75	405,83	424,28	353,38	523,22
	Índices: média 1970/72=100	149	98	119	158	165	138	204
Laranja	R\$ por ha	3.711,37	4.588,82	4.438,99	3.760,22	2.899,21	2.945,38	2.748,68
	Índices: média 1970/72=100	332	410	397	336	259	263	246
Mandioca	R\$ por ha	912,97	1.187,80	964,98	711,84	856,98	873,78	918,86
	Índices: média 1970/72=100	190	247	201	148	178	182	191
Milho em grão	R\$ por ha	402,44	433,85	432,56	356,30	427,05	410,89	480,35
	Índices: média 1970/72=100	282	304	304	250	300	288	337
Soja em grão	R\$ por ha	740,52	852,52	979,04	398,41	434,92	590,22	615,60
	Índices: média 1970/72=100	70	81	93	38	41	56	58
Trigo em grão	R\$ por ha	697,00	523,48	426,99	207,71	256,24	314,43	294,50
	Índices: média 1970/72=100	167	126	103	50	62	76	71

Fonte: Tabelas 4 e 6.

do trabalho citado há pouco, em GATTI et al., 1993). Por outro lado, como parece ter prevalecido a idéia de que o crédito rural tinha origem inflacionária, além da dificuldade de se manter a exigibilidade de que os bancos comerciais continuassem emprestando a taxas reais negativas numa conjuntura adversa, bem como devido ao fim da conta movimento do Banco do Brasil em 1986, ocorreu uma significativa mudança nas fontes de financiamento, com o Governo buscando criar, especialmente a partir da segunda metade dos oitenta, fontes alternativas de recursos. De fato, os recursos do Tesouro e os Obrigatórios somaram em 1985 nada menos do que 90% do total das fontes, situando-se, em 1990, em 54,5% (confrontar com os dados apresentados por REZENDE et al., 1994; veja-se também *Agroanalysis*, Abril 1995). Obviamente, isso teve de ter provocado um forte impacto, via taxas de juros, nos custos de produção.

Quanto à distribuição por finalidade, diversos trabalhos assinalam que foi no financiamento dos investimentos que ocorreu a maior queda do montante emprestado. Isso significou uma brutal retração no mercado interno de máquinas e equipamentos agrícolas, notadamente de tratores de roda, cujas vendas caíram da média anual de 56 mil unidades em 1976-80 para uma de 33 mil em 1986-90. Essa redução do financiamento de investimentos deve ter tido um forte impacto negativo também no caso da produção animal, já que pode ter significado redução do melhoramento dos rebanhos.

No tocante ao crédito de custeio, deve ser observado que nossa agricultura já se tornara bastante dependente dos chamados insumos modernos, notadamente dos fertilizantes químicos. Isso explica, entre outras coisas, porque o montante de crédito agropecuário de custeio caiu menos e/ou recuperou-se mais facilmente do que o de investimento na segunda metade dos anos oitenta e no início da década de 1990. Cabe destacar que, na média do triênio 1988-90, o custeio absorveu três quartos do montante total. Em decorrência disso, as vendas de fertilizantes e agroquímicos tiveram um comportamento menos instável, de forma que o consumo aparente em meados dos anos oitenta já se havia situado pouco acima do nível que atingira no final dos anos setenta. No início da atual década, o volume de NPK e de agroquímicos voltou a crescer (conf. dados em SERVILHA, 1994, e em *Agroanalysis*, Nov.95). Mas, como será visto a seguir, um outro fator

que contribuiu muito para isso foi a queda dos preços desses insumos.

Quanto à distribuição inter-regional, GATTI et al. (1993) constataram que, na década de 1980, "*Houve piora na distribuição do crédito relativamente ao valor da produção, tanto entre Regiões como dentro das Regiões*" (ou seja, tendo em conta os Estados). O mesmo trabalho constatou que o grau de concentração (ou de má distribuição), medido pelo Índice de Redundância, foi maior para os grupos de produtos que para as Regiões (p.85). Observam ainda que houve "*forte expansão no grupo de produtos mais vinculados ao CAI (Complexo Agroindustrial)... tanto em termos de utilização de crédito como de contribuição ao produto agrícola, em detrimento dos produtos pouco integrados*" (idem). Não se deve esquecer, como observam os Autores, que as participações da cana e da laranja deveriam ter em conta suas fortes integrações à indústria processadora, o que as permite dispensar parte dos recursos do SNCR (Sistema Nacional de Crédito Rural). A propósito, outro trabalho de MARTIN & GONÇALVES, 1995 evidencia que, no período 1970-93, as culturas da soja, da cana e da laranja foram as que mais elevaram suas participações na área agrícola brasileira.

Infelizmente, não se dispõe de dados sobre a distribuição entre os diferentes tamanhos de produtores para o período mais recente, especialmente na crise dos anos oitenta. Contudo, cabe destacar que os "*resultados encontrados para a década de 1980, ...contrariando as previsões de alguns autores, indicaram uma piora no perfil distributivo do crédito de custeio agrícola*" (GATTI et al., 1993). Em outro trecho, os Autores afirmam que a "*tendência da agricultura foi de se expandir no sentido de culturas de maior rentabilidade e maior capacidade de auto-financiamento*" (p.86), o que não deixa de ser uma observação um tanto quanto redundante. De passagem, deve ser destacada a recuperação do nível de consumo de fertilizantes e agroquímicos, já que os analistas parecem exaltar, sem qualificações, como as que foram feitas na parte anterior, a elevação do rendimento por área ocorrido no período em análise.

O comportamento do crédito de comercialização, que, quase sempre, se situou em valores não muito abaixo dos de investimento, também evidencia um forte grau de distribuição desigual. As Regiões Sul e Sudeste sempre se destacaram por concentrar a grande maioria

do montante, embora tenha ocorrido decréscimo de suas participações. Isso foi em decorrência, grosso modo, do ocorrido com a Região Centro-Oeste, "que, de 5% de participação no início do período, passou a 16% no final", o que foi consistente com os estímulos dados à produção de grãos na fronteira (ver GATTI et al., 1993). Isso explica também a elevação da participação do arroz e do milho. A soja, que absorve grande parte dos recursos, também teve queda de participação. Esses autores constataram também que o pior padrão alocativo intra-regional ocorreu nas áreas da fronteira (Centro-Oeste e Norte).

Chega-se à conclusão, portanto, que a política de crédito rural somente não causou - ou melhor, não continuou causando - maiores estragos e distorções quanto ao aspecto distributivo devido à forte retração do montante de recursos que ela envolveu nos últimos anos. Assim, é lamentável constatar que, quando começamos a respirar ares mais democráticos (meados dos anos oitenta) as críticas feitas a ela e a crise do Estado não foram acompanhadas de uma decisiva opção política em favor daqueles que haviam ficado de fora da festa do crédito subsidiado dos anos setenta - ou dela pouco participaram. Pelo contrário, as indicações são de que a situação destes pode ter-se agravado, diversamente do que se poderia esperar na perspectiva sugerida por Ruy Miller Paiva.

Mas, essa redução da importância do crédito rural como alavanca da expansão da produção agropecuária brasileira no período recente, segundo alguns autores, teria sido substituída pela Política de Garantia dos Preços Mínimos (PGPM). Esta é uma das conclusões do trabalho de GOLDIN & REZENDE (1993) e uma das principais observações do trabalho de GASQUES & VILLA VERDE, (1990, especialmente p.12). Segundo esses autores, tal política teria contribuído sobremaneira para estimular a produção de bens voltados ao mercado interno, entre outras coisas por ter diminuído os riscos e incertezas da comercialização. Isso assumiria ainda mais destaque quando se leva em conta que se teve uma conjuntura adversa para os produtos de mercado externo.

Essa análise merece diversas qualificações. Em primeiro lugar, quanto à questão das compras feitas pelo Governo. Parece não haver dúvidas, pelas evidências coletadas por diversos autores, de que houve um importante aumento da participação do Governo nas compras de grãos, via AGF (Aquisições do Governo

Federal). Contudo, deve ficar devidamente explicitado que tal importância ocorreu fundamentalmente nas regiões de fronteira, mais especificamente no Centro-Oeste, sendo que para as demais, tomando-se as três culturas mais beneficiadas (arroz, milho e soja), e pelo menos para o período de 1980-88, a participação do AGF, com exceção do arroz, não apresentou nítida evolução e muito menos estabilidade, conforme atestam com clareza os dados apresentados por DELGADO (1989, p. 160).

Em segundo lugar, quanto à questão da diminuição dos riscos e/ou estabilização da renda dos produtores rurais, as análises disponíveis apresentam divergências. Tendo em conta que a PGPM sofreu uma importante alteração em 1979, com a desvinculação do preço mínimo como referencial para a fixação do crédito de custeio (ou seja, com a criação do VBC - Valor Básico de Custeio), CARVALHO & SILVA (1993) lançaram mão de instrumental estatístico para aferir os resultados quanto ao arroz e ao milho em São Paulo, e concluíram que os "indicadores utilizados apontam maior instabilidade a partir de maio de 1979, tanto para os preços no atacado como para os preços recebidos pelos produtores" (p.57). Observam, nas conclusões, que a introdução dos preços de intervenção em 1988, parece ter sido a única alteração da PGPM que teria contribuído para a "redução das flutuações aleatórias de preços" (p.61).

Contudo, dispõe-se de um outro trabalho que buscou aferir tal possibilidade, infelizmente sem tomar as mesmas culturas. Analisando o período de janeiro de 1980 a janeiro de 1993, mas destacando o subperíodo de março/88 a janeiro/93, exatamente para aferir o impacto do PLE (Preço de Liberação de Estoque, anteriormente denominado preço de intervenção), FARO & CARVALHO (1994) concluíram que "enquanto que para o açúcar (sic?) e o algodão se possa concluir que efetivamente ocorreu uma maior estabilização dos respectivos preços, temos uma indicação exatamente oposta nos casos da soja e do trigo (com uma aparente neutralidade no caso do milho)". Outro trabalho, de REZENDE (1992a), mostra, infelizmente apenas até 1986, que, embora tenha ocorrido uma elevação dos preços mínimos dos principais produtos subordinados à PGPM entre 1980-86, também ocorreu uma enorme oscilação dos preços recebidos pelos agricultores nas respectivas safras. Por sua vez, trabalhando com os preços de arroz, cebola, laranja, feijão

e batata, para dois períodos - 1972-82 e 1983-92, SILVA & SILVEIRA (1994) constataram, com exceção da laranja, "tendência decrescente na segunda metade do período considerado, sendo, à exceção do arroz, virtualmente estacionárias na primeira metade".

Para reforçar essa posição, podem ser mencionados outros trabalhos e aspectos. Referindo-se particularmente à política de estoques reguladores, HOMEM DE MELO (1991) sustenta que houve uma "perda de eficácia" da "política governamental de estabilização de preços agrícolas". Na mesma direção aponta DELGADO (1989), ao lembrar que houve uma ampliação "desmesurada do uso de um dos principais instrumentos operadores da PGPM na atual década (as Aquisições do Governo Federal),... tendo gerado uma elevação do dispêndios públicos..." sem que se tenha com isso obtido maior eficiência, notadamente em função dos custos envolvidos na retenção dos estoques reguladores.

Obviamente, são muito grandes as dificuldades de se aferir adequadamente os impactos, seja pela diversidade de mercados e produtos envolvidos, seja pelo fato mais importante de que foi exatamente após 1979 que ocorreu uma brutal elevação nos índices da inflação, a princípio pelo efeito da segunda crise do petróleo e depois em função dos juros internacionais. Isso por si só torna muito difícil sustentar - e aferir - alguma estabilização na renda dos produtores via mecanismo de preço.

Além disso, há que se ter em conta os efeitos diretos e indiretos advindos das tentativas de controle do processo inflacionário, através de planos econômicos, iniciadas com a experiência do Plano Cruzado no começo de 1986. A partir daí, tornaram-se mais evidentes - e complexas - as relações entre as políticas macroeconômicas e as políticas setoriais. O principal a reter é que, embora não tenham conseguido estancar ou mesmo atenuar por um período um pouco mais longo aquele processo, o fato é que passaram a influenciar de tal forma a decisão dos agentes econômicos - seja face a um esperado novo plano de estabilização, o que estimulava as atitudes especulativas, seja logo após a sua implementação. Como se sabe, o principal resultado disso foi a exacerbação das incertezas e riscos envolvidos na posse de ativos e nas decisões.

A propósito, foi o mesmo REZENDE (1992b) quem reconheceu que o impacto "desse contexto macroeconômico instável foi o aumento brutal do

risco na agricultura. Isso resultou não apenas do aumento da instabilidade de preços agrícolas, mas, sobretudo, da inviabilização das políticas setoriais que vinham operando, com claros resultados positivos, desde o início da década: as políticas de preços mínimos e de crédito". Como se vê, fica difícil compatibilizar tal consideração com a que veio explicitar depois, com Goldin, e anteriormente reproduzida, quanto à década como um todo. Mais ainda, soa realmente como um exagero a afirmação destes autores de que os produtores rurais brasileiros "ficaram relativamente imunes ao aperto do crédito rural, porque, de maneira crescente, eles passaram a se beneficiar da operação de um sistema mais eficaz de incentivo agrícola: o programa de preços mínimos" (GOLDIN & REZENDE, 1993). Isso ainda mais quando não se faz as devidas ressalvas e/ou qualificações - e não se apresenta irrefutáveis evidências empíricas - quanto ao tamanho dos produtores, produtos e regiões beneficiadas etc. Deve ser mencionada ainda, como elemento desestabilizador, as não desprezíveis e oscilantes importações de bens agropecuários ao longo da década de 1980.

Um outro aspecto que pode ser inferido da literatura especializada diz respeito à uma possível compensação entre preços agrícolas e ganhos especulativos no mercado financeiro, uma característica da década de 1980. BUAINAIN & REZENDE (1995) apresentam a hipótese - sem comprová-la empiricamente - de que os "médios e grandes produtores, ao venderem parte de suas safras a preços baixos logo depois da colheita e investirem (sic!) o produto da venda no mercado financeiro, podem ter compensado, pelo menos em parte, a baixa renda obtida com a venda da produção". É fundamental ressaltar, como fazem os autores, que, se isso de fato ocorreu, teria sido apenas para os produtores de maior porte. Cabe ainda apontar que esses autores concluíram também que houve aumento de instabilidade da renda agrícola no final dos anos oitenta (pós-1987), embora entendendo que, até então, as "políticas setoriais constituíram uma proteção efetiva para uma parcela dos produtores rurais, compensando parcialmente o impacto negativo da crescente instabilidade macroeconômica sobre a produção agrícola" (BUAINAIN & REZENDE, 1995). Assim, torna-se difícil sustentar uma avaliação claramente positiva no tocante a uma melhora e/ou estabilização da renda dos produtores através da ação da política de preços mínimos.

Pode-se mencionar aqui também as análises disponíveis sobre o comportamento das relações de troca entre o setor em estudo e as demais atividades, especialmente as de maior importância para a atividade de produção agropecuária. Devem ser pensados tanto os preços internos como os externos. Diversos autores argumentam que houve queda real de preços recebidos pelos agricultores ao longo da década de 1980, mas poucos foram os que se debruçaram detidamente sobre a referida relação. No artigo de CARVALHO & SILVA (1990), são apresentadas evidências de que a relação Pa/Pi (preços recebidos pelos agricultores/preços industriais) apresentou queda entre 1979 e 1982, elevou-se entre 1982-85, deu um salto em 1986, para cair em 1987. Grosso modo, a visualização gráfica permite afirmar que houve nítida queda na primeira metade dos anos oitenta.

Por sua vez, procurando entender a contribuição dos diferentes setores para a evolução do nível de preços no Brasil no período 1970-1991, FERREIRA FILHO (1994), através da evolução do deflator implícito do PIB dos três grandes setores da economia, e tomando o cuidado de ponderar o peso de cada setor, chegou ao resultado de que a *"contribuição do setor agropecuário para o crescimento do nível geral de preços no Brasil foi declinante no período estudado"* ou de que o *"setor ... cresceu a preços decrescentes, e a despeito das mudanças nos mecanismos de financiamento ocorridos no período"* (p.230 e 233). À conclusão diferente chegaram CONTADOR & SILVA JUNIOR (1992), para os quais, ao se elevarem os preços no atacado dos produtos agrícolas, enquanto os preços industriais apresentaram tendência à queda, os *"preços agrícolas contribuíram para as pressões inflacionárias"*. Por sua vez, REZENDE (1992b) constatou uma relação inversa entre inflação e preços relativos agrícolas (IPA - Produtos Agrícolas/IPA - Produtos Industriais) na segunda metade dos anos oitenta, significando que, toda vez que os preços agrícolas *"ganham"* dos preços industriais, a taxa de inflação caiu, o que explicita a maior contribuição dos preços industriais para o processo inflacionário. Contudo, estes trabalhos não resolvem a discussão, já que os preços com os quais seus autores trabalharam não são os recebidos pelos agricultores, como se buscou mostrar na parte anterior.

Passando à questão da contribuição (ou não) dos preços dos bens agropecuários para a melhoria das

condições de vida de seus consumidores - ou seja, para a melhoria da distribuição de renda, conforme preocupação de Ruy Miller Paiva -, o único trabalho em que se encontrou evidências de queda de preços de alimentos no varejo é o de SILVA & SILVEIRA (1994). Tomando apenas cinco produtos (arroz, laranja, cebola, feijão e batata), os Autores constataram para o primeiro uma clara tendência decrescente entre 1972 e 1992; para cebola, feijão e batata, uma estacionalidade entre 1972-1982 e uma queda depois; quanto à laranja, queda nos dois períodos, mas intermediadas por uma reversão em 1984. Contudo, como também analisaram os preços recebidos pelos produtores, observam que a tendência ao declínio foi maior para estes do que para os preços pagos pelos consumidores, para todos os produtos analisados.

Por sua vez, CONTADOR & SILVA JUNIOR (1992), trabalhando com os dados agregados da Conjuntura Econômica para o IPA e para os Preços ao Produtor, constataram que os *"preços por atacado dos produtos agrícolas tiveram uma tendência crescente nas duas últimas décadas"*, (período 1970-1992), além de queda dos preços pagos aos produtores.

A leitura dos trabalhos que acabam de ser mencionados - e as evidências apresentadas neles e na parte anterior, nada mais fazem do que reforçar aquilo que Ignácio Rangel já havia mostrado no início dos anos sessenta: a intermediação ou o esquema de comercialização de produtos agrícolas no Brasil acaba sendo o maior beneficiário no processo de produção e circulação de tais bens. Portanto, mesmo a queda dos preços no varejo de alguns produtos, como constatou o trabalho há pouco citado, não se constitui em evidência suficiente para remetê-la a qualquer intencionalidade da política agrícola ou de abastecimento no Brasil. Restaria, talvez, comparar as respectivas quedas - dos preços ao produtor e dos preços no varejo para um conjunto de produtos *in natura*, componentes da alimentação básica da população brasileira.

Em seguida, ainda buscando ver algum efeito benéfico das políticas no sentido redistributivo, cabe investigar a questão dos salários pagos na agropecuária. Nesse aspecto, infelizmente, a controvérsia não existe. Todos os autores anteriormente mencionados - e outros - são unânimes em afirmar que houve deterioração dos salários pagos ao longo da crise dos anos oitenta. Portanto, não cabe aqui estender demasiadamente os comentários. Cumpre, contudo, citar o trabalho de

GRAZIANO DA SILVA (1993), que apresenta diversos dados que mostram que a queda dos salários reais dos trabalhadores rurais foi particularmente mais forte na segunda metade da década de 1980, quase sempre acompanhando a brutal queda do salário mínimo legal. Como já é sabido, 1986 constituiu-se na exceção a esse processo. Nas palavras do Autor "*mesmo onde (São Paulo) a organização sindical dos trabalhadores é mais expressiva, a perda do valor real dos salários foi brutal na segunda metade dos anos oitenta*" (p.203).

Se a evolução da agropecuária brasileira e das políticas implementadas não foram capazes de melhorar os salários dos seus trabalhadores, não fica difícil entender porque, ademais, tampouco chegaram a contribuir para diminuir as desigualdades herdadas. Como observa HOFFMANN (1992), entre 1970 e 1980, embora tenha ocorrido um "*grande crescimento do rendimento médio das pessoas economicamente ativas*", o fato é que ocorreu também "*extraordinário crescimento da desigualdade da distribuição da renda*"; já para a década seguinte, o "*melhor que se pode dizer é que a extensão da pobreza rural em 1990 é semelhante à do ano recessivo de 1981*".

Assim, pode-se afirmar que, infelizmente, os níveis salariais não apresentaram qualquer obstáculo para a manutenção do *status quo* da agropecuária brasileira no passado recente. Nessa perspectiva, restaria examinar os demais custos, especialmente os diretamente relacionados à produção. Mas, antes, deve ser registrado que não se pode desprezar os efeitos benéficos da elevação da produtividade do trabalho com a modernização produtiva. A propósito, AGUIRRE & BACHA (1989) constataram "*que o crescimento do produto agrícola na primeira metade da década de 1980 deveu-se fortemente ao crescimento da produtividade do trabalho*".

Quanto aos insumos de origem industrial, já foi mencionado o crescimento do consumo de fertilizantes e agroquímicos. Diversos autores coletaram evidências de que isso foi possível graças à queda real de seus preços. Desses trabalhos, cabe mencionar apenas dois. HOMEM DE MELO (1993) constatou que houve uma "*redução anual média de 2,01% no preço real dos insumos agrícolas (o agregado de fertilizantes, defensivos, calcário, combustíveis etc.)*", ou uma diminuição de 23,2% no período, ou ainda que a relação de troca dos preços recebidos por alguns dos principais produtos de nossa agropecuária com os

preços dos insumos teria caído 1,37% a.a. no período 1977-1989.

A questão dos preços dos combustíveis merece menção à parte. Se na segunda metade da década de 1970, os dois choques do petróleo causaram fortes impactos negativos nos custos de produção, na segunda metade dos anos oitenta ocorreu uma alteração favorável, especialmente para a viabilização da produção na fronteira, contribuindo sobremaneira para isso a política de uniformização do preço do óleo diesel (ver SILVA, 1989).

Chega-se, assim, à seguinte situação: houve queda dos preços reais recebidos pelos agricultores, preços no atacado em alta e a maior responsabilidade dos preços industriais para o processo inflacionário do período. Por outro lado, houve queda dos preços dos insumos agropecuários. Portanto, a conclusão a que se pode chegar é que as condições de mercado em retração contribuíram sobremaneira para a menor (mas mesmo assim) expansão da agropecuária na última década, através da diminuição de custos correntes (salários e insumos). Isso pode ser tomado, afinal, como o principal elemento para explicar aquela expansão, o que coloca em segundo plano a contribuição das políticas setoriais, especialmente a de preços mínimos. Ainda mais, ficam obscurecidos aspectos importantes quando o tratamento é agregado. Isso será reforçado a seguir. Antes, porém, cabe um comentário adicional.

Como lembraram GASQUES & VILLA VERDE (1990), há que se ter também em conta o "*tipo de organização da agricultura, cujos processos de produção são diferenciados, (a) falta de uso alternativo da terra e a natureza do mercado de trabalho, onde predomina a mão-de-obra familiar*". Parece que se pode concordar que, em geral, o processo produtivo da agropecuária a torna menos elástica do que a indústria nos ciclos econômicos. Contudo, isso deve ser relativizado, buscando-se ter em conta as diversas especificidades, que vão desde as técnico-produtivas até as de mercado das diferentes culturas. Em outras palavras, generalizações nesse caso também pouco esclarecem.

Tome-se o caso da cana, que foi a cultura que teve a maior taxa de crescimento da quantidade produzida entre 1979-81 e 1983-85 (ver dados em MARTINE, 1990). Não há dúvidas de que o PROÁLCOOL cumpre papel explicativo central, numa época em que, como foi visto, retraía-se o crédito rural, mas foram instaladas destilarias com farto crédito subsidiado - e

específico - tendo ainda uma política de preços específica para seus produtos principais (açúcar e álcool). A retração de sua taxa de crescimento na segunda metade dos anos oitenta está ligada à crise daquele programa - seja em função das dificuldades das finanças públicas, seja em função dos menores preços do petróleo. Além disso, explicita-se que essa cultura não se caracteriza por utilizar mão-de-obra familiar.

Já a cultura do trigo, que no período seguinte (1984-86 e 1987-89) foi a que se sobressaiu, ainda segundo dados de MARTINE, contém outras especificidades, inclusive a de ter a expansão de sua quantidade produzida centrada no ano do Cruzado. Acrescente-se ainda que, como aqueles mesmos autores assinalaram (GASQUES & VILLA VERDE, 1990), a análise dos "gastos do Governo Federal na agricultura revela acentuada concentração de dispêndios em produtos específicos como a cana-de-açúcar, café e trigo".

Quanto ao aspecto tecnológico, cabe registrar a diminuição do ritmo em que vinha se dando a ampliação e/ou renovação da mecanização de nossa agropecuária. Contudo, isso não parece ter causado maiores problemas, já que, como se pode depreender do acima discutido, ocorreram ganhos generalizados (em termos regionais) em diversos indicadores, tais como aumento da produção por área, aumento da relação área/homem, no período 1981-88, segundo dados apresentados por GASQUES & VILLA VERDE, 1990. Embora se possa continuar remetendo isso à maturação dos investimentos anteriores, não se pode deixar de ver nisso também forte indicativo dos exageros cometidos no período anterior, quando o crédito foi demasiado farto e barato. Ou seja, a crise e as dificuldades levaram, com certeza, à necessidade de uma melhor utilização dos recursos produtivos, especialmente da terra, cujo nível de preço elevou-se muito - e de maneira generalizada - entre 1970 e 1990. Foi assim, então, que a expansão extensiva cedeu espaço para um crescimento de natureza mais intensivo. Contribuíram para isso, obviamente, as maiores dificuldades e maiores custos de se continuar expandido a fronteira, a qual ficou mais distante.

Quanto à questão social, já foi feita a observação sobre seu agravamento pelo lado da questão da distribuição da renda. Em termos gerais, pode-se acrescentar que, além disso, as condições de vida no campo brasileiro muito pouco melhoraram, como apontaram KAGEYAMA & REHDER (1993). Mas, o mais grave é que a modernização da agropecuária

brasileira, de maneira geral, tendeu a ampliar as distâncias regionais e a heterogeneidade social, por beneficiar diretamente ou por permitir que aqueles que já detinham melhores condições pudessem dela tirar mais proveito. Assim, como evidenciam os dados apresentados por GRAZIANO DA SILVA (1995), ainda em 1990 havia muito mais pobreza na zona rural como um todo e no Nordeste em particular. Nessa direção, talvez se possa apenas acrescentar que o principal resultado, - em termos sociais - daquela modernização foi, ou tem sido até agora, a migração campo-cidade, via expulsão de trabalhadores, o que, como se sabe, tem agravado sobremaneira os problemas urbanos.

Por tudo o que foi dito até aqui, parecem pouco sustentáveis as opiniões dos analistas que têm uma avaliação positiva do desenvolvimento do setor agropecuário no período recente, notadamente na década de 1980, levando em conta a conjuntura adversa então vigente. Para corroborar nosso ponto de vista, optamos por voltar aos indicadores apresentados na primeira parte deste trabalho.

4 - CONCLUSÕES DERIVADAS DOS INDICADORES

Procurando interpretar as tendências observadas nas tabelas anteriores, construíram-se mais duas através do cruzamento de dados das mesmas. A primeira (Tabela 10) visa identificar os fatores determinantes das variações dos valores e das quantidades da produção agropecuária, contrastando, para todos os vinte produtos, os índices de preços recebidos e de quantidades produzidas, e, apenas para as quinze lavouras, os índices das áreas colhidas e dos rendimentos físicos. Já na segunda (Tabela 11), tentou-se identificar os fatores determinantes e caracterizar as tendências dos rendimentos monetários das principais lavouras, contrastando respectivamente a evolução dos índices de preços recebidos e de rendimentos físicos, e a destes com a evolução dos índices dos rendimentos monetários. Os resultados obtidos por meio dessas duas últimas tabelas foram os seguintes:

1) No tocante à determinação dos valores da produção agropecuária, constatou-se que a relação unitária (igual a 1.000) entre os índices de preços recebidos e os das quantidades produzidas corresponde

TABELA 10 - Determinantes das Variações dos Valores e das Quantidades da Produção Agropecuária do Brasil

		(continua)						
Produto	Indicadores	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979
Algodão em caroço	Relação de índices PR/QP	1.208	1.753	1.590	3.429	1.812	0.871	1.849
	Relação de índices AC/RF	0.933	0.879	0.978	1.055	1.000	0.511	0.921
Amendoim em casca	Relação de índices PR/QP	2.571	2.875	3.362	2.426	5.088	5.206	2.898
	Relação de índices AC/RF	0.787	0.559	0.490	0.495	0.299	0.357	0.328
Arroz em grão	Relação de índices PR/QP	1.092	1.446	1.575	0.803	0.732	1.170	1.279
	Relação de índices AC/RF	1.000	0.990	1.112	1.398	1.230	1.349	1.204
Banana em cachos	Relação de índices PR/QP	1.809	1.926	2.643	2.740	2.061	2.312	2.241
	Relação de índices AC/RF	1.949	1.949	1.950	1.841	1.955	1.848	2.065
Batata-inglesa	Relação de índices PR/QP	2.318	1.415	1.190	1.433	1.225	1.205	0.779
	Relação de índices AC/RF	0.978	0.780	0.807	0.768	0.734	0.808	0.705
Cacau em amêndoas	Relação de índices PR/QP	2.227	3.149	1.283	2.471	4.434	2.883	2.411
	Relação de índices AC/RF	1.022	1.857	0.831	0.830	0.783	0.795	0.701
Café em coco	Relação de índices PR/QP	1.810	0.993	1.328	8.500	4.149	1.991	1.620
	Relação de índices AC/RF	0.978	0.575	0.764	0.667	0.766	0.750	0.864
Cana-de-açúcar	Relação de índices PR/QP	0.903	0.957	1.223	1.127	0.918	0.835	0.771
	Relação de índices AC/RF	1.109	1.170	1.120	1.123	1.150	1.172	1.239
Cebola	Relação de índices PR/QP	1.981	0.932	1.264	1.205	0.813	3.064	0.649
	Relação de índices AC/RF	0.832	0.879	0.826	0.824	0.801	0.696	0.731
Feijão em grão	Relação de índices PR/QP	2.182	1.528	1.422	2.781	1.890	1.299	1.471
	Relação de índices AC/RF	1.136	1.449	1.313	1.574	1.579	1.718	1.423
Laranja	Relação de índices PR/QP	0.740	0.583	0.465	0.472	0.557	0.502	0.430
	Relação de índices AC/RF	2.957	1.477	1.860	1.721	1.780	1.909	1.921
Mandioca	Relação de índices PR/QP	1.236	1.422	1.568	2.929	3.701	3.224	2.476
	Relação de índices AC/RF	1.184	1.153	1.136	1.229	1.293	1.296	1.272
Milho em grão	Relação de índices PR/QP	1.327	1.150	1.239	1.138	0.821	1.383	1.239
	Relação de índices AC/RF	0.941	0.945	0.972	0.947	0.974	1.241	1.068
Soja em grão	Relação de índices PR/QP	0.760	0.340	0.273	0.192	0.299	0.286	0.203
	Relação de índices AC/RF	1.962	2.521	2.569	2.746	2.985	4.755	4.989
Trigo em grão	Relação de índices PR/QP	0.762	0.655	1.162	0.593	0.852	0.665	0.530
	Relação de índices AC/RF	0.574	0.735	1.659	1.344	0.775	1.016	1.735
Carne bovina	Relação de índices PR/QP	1.243	1.405	1.168	1.000	0.836	1.149	1.757
Carne suína	Relação de índices PR/QP	1.367	1.720	1.371	1.110	1.215	1.101	1.287
Carne de frango	Relação de índices PR/QP	0.909	0.877	0.856	0.679	0.555	0.464	0.399
Ovos	Relação de índices PR/QP	1.073	1.034	0.727	0.660	0.631	0.527	0.444
Leite	Relação de índices PR/QP	1.094	1.138	1.162	0.952	1.060	1.036	0.902

Fonte: Tabelas 5 a 8.

TABELA 10 - Determinantes das Variações dos Valores e das Quantidades da Produção Agropecuária do Brasil

(continua)

Produto	Indicadores	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986
Algodão em caroço	Relação de índices PR/QP	1.760	1.584	1.198	1.901	1.437	0.787	1.049
	Relação de índices AC/RF	0.922	0.814	0.781	0.611	0.511	0.516	0.410
Amendoim em casca	Relação de índices PR/QP	2.196	3.947	2.824	4.555	6.500	3.194	4.870
	Relação de índices AC/RF	0.373	0.306	0.324	0.330	0.167	0.201	0.225
Arroz em grão	Relação de índices PR/QP	0.918	0.830	0.805	1.009	0.707	0.813	0.654
	Relação de índices AC/RF	1.240	1.400	1.148	1.040	0.982	0.778	0.927
Banana em cachos	Relação de índices PR/QP	1.965	1.884	1.862	1.738	1.533	1.237	1.670
	Relação de índices AC/RF	2.226	2.400	2.492	2.579	2.371	2.583	2.623
Batata-inglesa	Relação de índices PR/QP	1.854	1.372	0.713	2.017	0.796	1.065	1.991
	Relação de índices AC/RF	0.617	0.558	0.568	0.570	0.500	0.455	0.513
Cacau em amêndoas	Relação de índices PR/QP	1.521	1.126	0.804	1.211	1.195	1.206	0.947
	Relação de índices AC/RF	0.840	0.878	0.931	1.063	1.198	1.130	1.080
Café em coco	Relação de índices PR/QP	1.823	0.638	1.356	0.658	0.915	1.069	3.800
	Relação de índices AC/RF	1.108	0.669	0.750	0.658	0.876	0.671	1.279
Cana-de-açúcar	Relação de índices PR/QP	0.769	0.728	0.585	0.477	0.423	0.344	0.284
	Relação de índices AC/RF	1.221	1.364	1.354	1.496	1.608	1.652	1.738
Cebola	Relação de índices PR/QP	0.668	0.201	0.617	0.571	0.421	1.124	0.701
	Relação de índices AC/RF	0.683	0.743	0.607	0.652	0.704	0.557	0.672
Feijão em grão	Relação de índices PR/QP	2.987	2.344	0.913	2.317	1.442	1.069	1.448
	Relação de índices AC/RF	1.906	1.886	2.108	1.845	1.892	1.944	2.361
Laranja	Relação de índices PR/QP	0.264	0.285	0.274	0.211	0.332	0.298	0.256
	Relação de índices AC/RF	2.190	2.087	2.159	2.380	2.221	2.217	2.694
Mandioca	Relação de índices PR/QP	2.456	2.012	1.247	1.219	1.958	1.416	0.907
	Relação de índices AC/RF	1.225	1.247	1.333	1.384	1.099	1.071	1.163
Milho em grão	Relação de índices PR/QP	1.064	0.884	0.658	1.231	0.747	0.784	0.915
	Relação de índices AC/RF	0.874	0.855	0.984	0.932	0.921	0.851	1.025
Soja em grão	Relação de índices PR/QP	0.138	0.129	0.154	0.121	0.111	0.077	0.095
	Relação de índices AC/RF	3.706	3.615	3.925	3.384	4.260	4.225	4.623
Trigo em grão	Relação de índices PR/QP	0.488	0.693	0.929	0.719	0.829	0.496	0.360
	Relação de índices AC/RF	1.241	0.578	1.506	0.544	0.529	0.574	0.909
Carne bovina	Relação de índices PR/QP	1.596	1.081	0.800	0.911	1.182	0.991	1.314
Carne suína	Relação de índices PR/QP	1.016	0.730	0.929	0.929	1.278	1.130	1.208
Carne de frango	Relação de índices PR/QP	0.271	0.204	0.169	0.190	0.241	0.199	0.208
Ovos	Relação de índices PR/QP	0.351	0.330	1.064	0.329	0.319	0.220	0.242
Leite	Relação de índices PR/QP	0.816	0.855	0.702	0.677	0.595	0.565	0.520

Fonte: Tabelas 5 a 8.

TABELA 10 - Determinantes das Variações dos Valores e das Quantidades da Produção Agropecuária do Brasil

		(conclusão)						
Produto	Indicadores	1987	1988	1989	1990	1991	1992	1993
Algodão em caroço	Relação de índices PR/QP	3.365	1.545	1.952	1.840	1.656	1.607	2.961
	Relação de índices AC/RF	0.262	0.299	0.277	0.228	0.182	0.212	0.113
Amendoim em casca	Relação de índices PR/QP	7.714	11.333	12.000	12.067	14.333	8.333	12.000
	Relação de índices AC/RF	0.190	0.109	0.089	0.095	0.100	0.107	0.089
Arroz em grão	Relação de índices PR/QP	0.683	0.682	0.642	0.921	0.923	0.657	0.630
	Relação de índices AC/RF	1.069	1.000	0.771	0.648	0.555	0.740	0.595
Banana em cachos	Relação de índices PR/QP	2.717	2.172	2.321	2.689	2.755	1.991	2.084
	Relação de índices AC/RF	2.831	2.948	3.051	3.121	3.155	3.429	3.464
Batata-inglesa	Relação de índices PR/QP	0.845	0.685	0.853	0.950	1.007	0.610	0.691
	Relação de índices AC/RF	0.489	0.474	0.419	0.409	0.422	0.449	0.406
Cacau em amêndoas	Relação de índices PR/QP	3.351	2.383	2.073	1.137	1.428	1.378	1.183
	Relação de índices AC/RF	1.480	1.480	1.271	1.425	1.600	1.876	1.815
Café em coco	Relação de índices PR/QP	2.156	2.800	2.158	1.962	1.783	1.814	2.336
	Relação de índices AC/RF	0.713	1.302	1.194	1.194	0.992	0.955	0.793
Cana-de-açúcar	Relação de índices PR/QP	0.587	0.497	0.482	0.436	0.470	0.467	0.465
	Relação de índices AC/RF	1.836	1.761	1.752	1.848	1.805	1.739	1.618
Cebola	Relação de índices PR/QP	0.286	0.485	0.504	0.495	0.288	0.299	0.295
	Relação de índices AC/RF	0.696	0.682	0.721	0.679	0.701	0.682	0.585
Feijão em grão	Relação de índices PR/QP	3.215	1.167	1.239	2.477	1.972	1.505	2.143
	Relação de índices AC/RF	2.379	2.095	2.030	1.708	0.947	1.659	1.062
Laranja	Relação de índices PR/QP	0.592	0.759	0.596	0.526	0.375	0.356	0.295
	Relação de índices AC/RF	2.569	3.133	3.155	1.756	3.653	3.562	2.437
Mandioca	Relação de índices PR/QP	2.886	4.069	2.937	2.123	2.553	3.192	3.164
	Relação de índices AC/RF	1.133	1.024	1.070	1.105	1.092	1.205	1.060
Milho em grão	Relação de índices PR/QP	1.075	1.345	1.141	1.284	1.220	0.849	0.913
	Relação de índices AC/RF	0.923	0.948	0.850	0.821	0.699	0.798	0.635
Soja em grão	Relação de índices PR/QP	0.068	0.079	0.059	0.033	0.053	0.044	0.037
	Relação de índices AC/RF	3.664	4.576	4.642	4.955	4.639	3.474	3.742
Trigo em grão	Relação de índices PR/QP	0.188	0.169	0.131	0.173	0.182	0.231	0.271
	Relação de índices AC/RF	0.675	0.736	0.670	0.800	0.497	0.474	0.345
Carne bovina	Relação de índices PR/QP	1.076	0.763	0.708	0.689	0.629	0.562	0.590
Carne suína	Relação de índices PR/QP	0.643	0.589	0.619	0.565	0.534	0.418	0.487
Carne de frango	Relação de índices PR/QP	0.152	0.127	0.121	0.108	0.083	0.066	0.062
Ovos	Relação de índices PR/QP	0.154	0.153	0.158	0.158	0.129	0.117	0.138
Leite	Relação de índices PR/QP	0.617	0.432	0.404	0.404	0.368	0.346	0.357

Fonte: Tabelas 5 a 8.

TABELA 11 - Determinantes e Tendências dos Rendimentos Monetários das Principais Lavouras Brasileiras

(continua)

Produto	Indicadores	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979
Algodão em caroço	Relação de índices PR/RF	1.173	1.505	1.393	2.630	1.674	0.776	1.517
	Relação de índices RF/RM	0.839	0.687	0.809	0.529	0.662	0.753	0.748
Amendoim em casca	Relação de índices PR/RF	1.820	1.484	1.612	1.248	1.617	1.806	1.164
	Relação de índices RF/RM	0.724	0.727	0.636	0.755	0.575	0.566	0.693
Arroz em grão	Relação de índices PR/RF	1.081	1.371	1.704	1.122	0.900	1.360	1.430
	Relação de índices RF/RM	0.934	0.764	0.609	0.925	1.099	0.869	0.756
Banana em cachos	Relação de índices PR/RF	2.085	2.220	3.083	3.175	2.683	2.803	2.855
	Relação de índices RF/RM	0.819	0.766	0.550	0.504	0.594	0.537	0.559
Batata-inglesa	Relação de índices PR/RF	2.118	1.271	1.096	1.376	1.148	1.224	0.763
	Relação de índices RF/RM	0.500	0.674	0.797	0.576	0.684	0.648	0.927
Cacau em amêndoas	Relação de índices PR/RF	2.108	3.698	1.315	2.295	4.175	2.906	2.102
	Relação de índices RF/RM	0.514	0.432	0.620	0.491	0.201	0.279	0.331
Café em coco	Relação de índices PR/RF	1.589	0.912	1.252	4.014	3.374	1.847	1.661
	Relação de índices RF/RM	0.698	0.678	0.651	0.346	0.274	0.437	0.509
Cana-de-açúcar	Relação de índices PR/RF	1.010	1.120	1.370	1.340	1.195	1.138	1.120
	Relação de índices RF/RM	0.981	0.893	0.735	0.707	0.739	0.758	0.765
Cebola	Relação de índices PR/RF	1.894	0.948	1.264	1.338	0.952	3.316	0.863
	Relação de índices RF/RM	0.461	0.906	0.647	0.553	0.723	0.192	0.632
Feijão em grão	Relação de índices PR/RF	2.182	1.744	1.542	3.279	2.263	1.592	1.641
	Relação de índices RF/RM	0.518	0.722	0.766	0.442	0.580	0.877	0.772
Laranja	Relação de índices PR/RF	1.543	0.936	0.870	0.901	1.083	1.055	0.939
	Relação de índices RF/RM	0.933	0.940	1.149	1.000	0.852	0.866	0.942
Mandioca	Relação de índices PR/RF	1.264	1.388	1.568	3.000	3.927	3.383	2.568
	Relação de índices RF/RM	0.916	0.850	0.727	0.399	0.311	0.363	0.479
Milho em grão	Relação de índices PR/RF	1.275	1.193	1.296	1.228	0.940	1.494	1.359
	Relação de índices RF/RM	0.791	0.779	0.730	0.750	0.951	0.757	0.710
Soja em grão	Relação de índices PR/RF	1.585	1.009	0.915	0.709	1.213	1.277	1.158
	Relação de índices RF/RM	0.602	0.860	0.861	1.072	0.624	0.847	0.922
Trigo em grão	Relação de índices PR/RF	0.649	0.748	1.573	0.967	0.845	0.867	0.941
	Relação de índices RF/RM	1.057	0.871	0.781	0.865	0.935	0.914	1.041

Fonte: Tabelas 7 a 9.

TABELA 11 - Determinantes e Tendências dos Rendimentos Monetários das Principais Lavouras Brasileiras

		(continua)						
Produto	Indicadores	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986
Algodão em caroço	Relação de índices PR/RF	1.467	1.258	0.981	1.250	1.007	0.637	0.745
	Relação de índices RF/RM	0.763	0.853	1.000	0.745	0.733	1.006	0.935
Amendoim em casca	Relação de índices PR/RF	0.949	1.351	0.941	1.352	1.341	0.858	1.098
	Relação de índices RF/RM	0.894	0.673	1.041	0.820	0.589	0.865	0.895
Arroz em grão	Relação de índices PR/RF	1.183	1.033	0.991	1.059	0.777	0.794	0.750
	Relação de índices RF/RM	0.812	1.059	0.947	0.944	1.155	0.984	1.069
Banana em cachos	Relação de índices PR/RF	2.694	2.700	2.746	2.561	2.226	1.917	2.656
	Relação de índices RF/RM	0.596	0.612	0.608	0.695	0.747	0.845	0.635
Batata-inglesa	Relação de índices PR/RF	1.617	1.129	0.626	1.648	0.657	0.794	1.540
	Relação de índices RF/RM	0.437	0.600	1.013	0.419	0.917	0.753	0.426
Cacau em amêndoas	Relação de índices PR/RF	1.672	1.298	0.977	1.630	1.604	2.092	1.420
	Relação de índices RF/RM	0.460	0.587	0.793	0.485	0.566	0.430	0.513
Café em coco	Relação de índices PR/RF	1.882	0.711	1.092	0.658	0.975	1.155	4.198
	Relação de índices RF/RM	0.567	0.856	0.837	0.987	0.840	0.535	0.276
Cana-de-açúcar	Relação de índices PR/RF	1.148	1.178	1.031	0.947	0.885	0.770	0.638
	Relação de índices RF/RM	0.713	0.720	0.747	0.796	0.872	0.957	1.215
Cebola	Relação de índices PR/RF	0.862	0.288	0.740	0.732	0.561	1.259	0.858
	Relação de índices RF/RM	0.612	1.819	0.688	0.690	0.931	0.393	0.635
Feijão em grão	Relação de índices PR/RF	3.641	3.114	1.419	2.500	2.149	1.500	2.049
	Relação de índices RF/RM	0.427	0.455	0.949	0.667	0.622	0.911	0.803
Laranja	Relação de índices PR/RF	0.702	0.756	0.746	0.603	0.969	0.906	0.835
	Relação de índices RF/RM	1.186	1.050	1.059	1.391	0.794	0.807	0.992
Mandioca	Relação de índices PR/RF	2.425	2.037	1.295	1.219	1.741	1.282	0.907
	Relação de índices RF/RM	0.516	0.604	1.000	1.123	0.711	0.914	1.284
Milho em grão	Relação de índices PR/RF	1.181	0.992	0.806	1.280	1.032	0.896	1.102
	Relação de índices RF/RM	0.690	0.799	1.025	0.644	0.787	0.854	0.814
Soja em grão	Relação de índices PR/RF	0.676	0.630	0.725	0.565	0.598	0.449	0.491
	Relação de índices RF/RM	1.124	1.205	1.176	1.302	1.351	1.643	1.869
Trigo em grão	Relação de índices PR/RF	0.707	0.617	1.207	0.625	0.667	0.616	0.645
	Relação de índices RF/RM	1.234	1.069	0.967	1.019	0.994	0.766	0.798

Fonte: Tabelas 7 a 9.

TABELA 11 - Determinantes e Tendências dos Rendimentos Monetários das Principais Lavouras Brasileiras

Produto	Indicadores	(conclusão)						
		1987	1988	1989	1990	1991	1992	1993
Algodão em caroço	Relação de índices PR/RF	1.482	0.892	0.936	0.788	0.684	0.682	0.712
	Relação de índices RF/RM	0.409	0.588	0.631	0.685	0.662	0.750	0.673
Amendoim em casca	Relação de índices PR/RF	1.543	1.594	1.422	1.437	1.792	1.145	1.422
	Relação de índices RF/RM	0.610	0.492	0.525	0.553	0.462	0.665	0.513
Arroz em grão	Relação de índices PR/RF	0.836	0.837	0.693	0.744	0.784	0.634	0.569
	Relação de índices RF/RM	1.055	0.976	1.022	1.078	0.836	1.118	1.159
Banana em cachos	Relação de índices PR/RF	4.559	3.707	4.169	4.914	5.034	3.839	3.982
	Relação de índices RF/RM	0.369	0.468	0.401	0.349	0.341	0.463	0.452
Batata-inglesa	Relação de índices PR/RF	0.718	0.571	0.648	0.720	0.778	0.508	0.536
	Relação de índices RF/RM	0.780	0.983	0.848	0.735	0.693	1.057	0.960
Cacau em amêndoas	Relação de índices PR/RF	4.960	3.598	3.110	1.717	2.179	2.292	1.967
	Relação de índices RF/RM	0.203	0.273	0.368	0.552	0.487	0.492	0.558
Café em coco	Relação de índices PR/RF	2.524	3.500	2.778	2.417	2.085	1.928	2.240
	Relação de índices RF/RM	0.242	0.295	0.334	0.400	0.405	0.466	0.368
Cana-de-açúcar	Relação de índices PR/RF	1.440	1.172	1.120	1.061	1.128	1.123	1.022
	Relação de índices RF/RM	0.521	0.635	0.672	0.714	0.668	0.642	0.723
Cebola	Relação de índices PR/RF	0.415	0.652	0.716	0.712	0.427	0.439	0.407
	Relação de índices RF/RM	1.150	0.773	0.711	0.662	1.116	1.059	1.044
Feijão em grão	Relação de índices PR/RF	4.379	1.797	2.597	3.028	2.829	2.037	2.187
	Relação de índices RF/RM	0.389	0.755	0.563	0.456	0.461	0.594	0.471
Laranja	Relação de índices PR/RF	1.977	2.858	2.388	2.220	1.694	1.617	1.086
	Relação de índices RF/RM	0.392	0.293	0.394	0.366	0.479	0.487	0.614
Mandioca	Relação de índices PR/RF	2.747	3.488	2.698	2.000	2.368	2.987	2.783
	Relação de índices RF/RM	0.437	0.340	0.428	0.581	0.489	0.429	0.435
Milho em grão	Relação de índices PR/RF	1.408	1.716	1.429	1.418	1.307	1.104	1.050
	Relação de índices RF/RM	0.504	0.441	0.484	0.536	0.510	0.566	0.537
Soja em grão	Relação de índices PR/RF	0.357	0.477	0.417	0.218	0.294	0.237	0.227
	Relação de índices RF/RM	2.043	1.630	1.624	3.500	2.902	2.786	2.810
Trigo em grão	Relação de índices PR/RF	0.300	0.269	0.198	0.213	0.173	0.208	0.183
	Relação de índices RF/RM	1.419	1.714	2.204	3.100	3.081	2.526	2.775

Fonte: Tabelas 7 a 9.

a uma determinação equivalente por parte de ambos esses fatores. Trata-se de uma ocorrência pouco provável, e, nas primeiras linhas da tabela 10, encontramos um único caso (da carne bovina em 1976) num total de 420 observações. Quando a relação é maior do que um, a variação dos valores da produção é determinada preponderantemente pela variação dos preços: quanto maior for essa relação, tanto maior será a influência dos preços. Este foi o caso, na maioria dos anos, de quase metade dos vinte produtos (algodão, amendoim, banana, cacau, café, feijão, mandioca, milho e carne suína). Por sua vez, as relações menores do que um apontam para uma determinação preponderante dos valores da produção agropecuária pelas quantidades produzidas: quanto menor for essa relação, tanto maior será a influência relativa das quantidades. Dos produtos aqui considerados, apenas três - laranja, soja e carne de frango - apresentaram esse comportamento durante o período todo. Outros seis - arroz, cana-de-açúcar, cebola, trigo, ovos e leite - tiveram seus valores preponderantemente determinados pelas quantidades, e em apenas um - a carne bovina - chegou a haver um empate. Além disso, é interessante observar que, a partir de 1981, tem predominado numericamente a determinação dos valores da produção pelas quantidades produzidas, ao contrário do que vinha ocorrendo até então;

2) a determinação das variações das quantidades produzidas só pode ser aferida para as lavouras. Num menor número de observações (315), constatou-se a ocorrência de três relações unitárias (iguais a 1.000), para o algodão em 1977 e para o arroz em 1973 e 1988. Tal como nos resultados anteriores, essa relação significa uma determinação equivalente por parte dos dois fatores condicionantes das quantidades produzidas: as áreas colhidas em hectares e os rendimentos físicos por hectare colhido. As relações superiores a um apontam para uma determinação preponderantemente por parte das áreas; quanto maior for o número que as representa, tanto maior será o peso relativo das áreas nas quantidades. Essa modalidade de variações extensivas caracterizou no período a maioria das lavouras, a saber: banana, cacau, cana-de-açúcar, feijão, laranja, mandioca e soja. Já as variações intensivas, representadas por uma relação entre os índices de áreas colhidas e os de rendimentos físicos inferior a um, apontam para uma determinação predominante das quantidades produzidas pela variação dos rendimentos físicos.

Quanto mais próxima de zero estiver essa relação, tanto maior será a influência dos rendimentos. Isso, porém, pode ocorrer tanto nos casos de expansão como nos de retração do cultivo. Entre os primeiros figuraram a batata, o café, a cebola, o milho e o arroz - este último nos derradeiros anos do período. Já nos segundos, pode-se arrolar os casos do algodão, do amendoim e do trigo;

3) a identificação dos fatores determinantes das variações dos rendimentos monetários das diversas lavouras constitui uma outra maneira, talvez mais precisa, de verificar em que medida as variações dos valores da produção e das quantidades produzidas decorrem de alterações na produtividade. Uma relação unitária (igual a 1.000) entre os índices dos preços recebidos e os dos rendimentos físicos indica que ambos esses fatores são igualmente responsáveis pelas referidas variações. Essa possibilidade não ocorreu uma vez sequer nas 315 observações realizadas. A influência dos preços nos rendimentos monetários (relações entre os índices maiores do que um) foi predominante para a maioria dos produtos - com exceção de arroz, batata, cebola, laranja, soja e trigo - e em todos os anos, exceto 1982, 1984, 1985 e 1986. Os produtos, cujos rendimentos monetários foram mais afetados pelos rendimentos físicos (relação entre os índices inferior a um), foram, pela ordem, os seguintes: trigo e, empatados no segundo lugar, cebola e soja. Em compensação, as variações dos rendimentos monetários da banana e do feijão foram determinadas pelos preços recebidos durante todo o período considerado e, no caso da mandioca, isso só deixou de ocorrer uma única vez (em 1986);

4) ainda com relação aos rendimentos monetários, considerou-se útil tentar caracterizar suas tendências através do tempo, comparando a evolução de seus índices com a dos índices dos rendimentos físicos. A relação unitária (igual a 1.000) entre ambos aponta para uma constância dos rendimentos monetários. Isso só chegou a ocorrer em três das 315 observações realizadas: no caso da laranja em 1976, e nos do algodão e da mandioca em 1982. Em todos os demais casos, a relação entre os índices de rendimentos físicos e monetários foi maior ou menor do que um, apontando respectivamente para rendimentos monetários crescentes ou decrescentes. Estes últimos prevaleceram em todos os produtos - exceto a soja e o trigo - e durante todo o período. Outros produtos que apresentaram uma *performance* melhor neste particular foram o arroz, a

cebola e a laranja. Em compensação, nos casos da banana, do cacau, do café e do feijão, os rendimentos monetários sempre foram decrescentes (relação entre os índices inferior a um).

Resumindo e tomando em conjunto as quatro relações entre os índices de preços recebidos, de áreas colhidas, de quantidades produzidas e de rendimentos (físicos e monetários), pode-se assinalar que arroz, cebola, laranja, soja e trigo foram as lavouras mais influenciadas pela produtividade, o mesmo parecendo ter ocorrido, entre os produtos de origem animal, com a carne de frango (cujos progressos em termos de custos e preços foram bem anteriores à última reforma monetária), com os ovos e o leite. Em todos os demais casos, os fatores determinantes das variações têm sido os preços recebidos e/ou as áreas colhidas. Essa constatação mostra com clareza quais são os produtos que mais carecem de progresso técnico em seus processos e insumos, um progresso que, obviamente, não poderá ser alcançado sem mudanças nas atuais relações de trabalho.

Portanto, como se pode depreender deste trabalho, a agropecuária brasileira foi marcada, no período recente, por um comportamento bastante desigual das culturas e/ou atividades que a compõem. O fundamental é enfatizar que, pelo que foi aqui evidenciado e tendo em conta os objetivos e diretrizes pensados por Ruy Miller Paiva, torna-se bastante difícil concordar com a maioria das análises disponíveis, as quais deixam explícitas avaliações bastante positivas da expansão naquele período.

Enfim, se os anos oitenta foram chamados de "década perdida" em termos econômicos gerais, pode-se assim denominá-los - talvez mais apropriadamente - quando se pensa as políticas agrícolas no sentido de serem mais ativas para buscar reverter a perversa herança que a modernização conservadora da sociedade brasileira legou às gerações atuais. Como se buscou argumentar, as coisas parecem ter caminhado no sentido inverso ao que propunha Ruy Miller Paiva, tornando pior o que já era ruim, algo que talvez ele não tenha imaginado como possível...

LITERATURA CITADA

- AGROANALYSIS, Rio de Janeiro, v.15, n.4, p.15, abr. 1995.
- AGROANALYSIS, Rio de Janeiro, v.15, n.5, p.26-7, nov. 1995.
- AGUIRRE, Basilia M. B. & BACHA, Carlos J. C. A especialização da mão-de-obra rural no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 27, Piracicaba, 24-28, jul. 1989. Anais... Brasília: SOBER, v.1, 1989. p.572-584.
- BARROS, Geraldo S. de C. et al. Gastos públicos na agricultura: tendências e prioridades. Brasília: IPEA, 1993. p.7-19. (Estudos de Política Agrícola, 2. Sumários Executivos)
- BUAINAIN, A. M. & REZENDE, Gervasio de C. Ajuste, inflação e agricultura no Brasil: a experiência dos anos oitenta. In: RAMOS, P. & REYDON, B. P. (Orgs.). Agropecuária e agro-indústria no Brasil. Campinas: ABRA, 1995. p.23-41.
- CARVALHO, Maria A. de & SILVA, Cesar R. L. da. Políticas de ajustamento e as relações agricultura-indústria no Brasil. *Revista de Economia Política*, SP, v.10, n.3, p.31-39. jul./set., 1990.
- _____. Preços mínimos e estabilização de preços agrícolas. *Revista de Economia Política*, SP, v.13, n.1, p.52-63, jan./mar. 1993.
- CONTADOR, Claudio R. & SILVA JUNIOR, Luiz C. A. da. Inflação, preços relativos e risco na agricultura: algumas notas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 30, Rio de Janeiro, 3-6 ago. 1992. Anais... Brasília: SOBER, v.1, 1992. p.27-34, 1992.
- DELGADO, Guilherme C. Política de preços mínimos: uma avaliação do sistema de garantia de preços mínimos da CFP. In: PARA a década de 90: prioridades e perspectivas de políticas públicas. Brasília: IPEA/IPLAN, v.1, 1989. p.147-174.
- FARO, Clovis de & CARVALHO, J. L. Estabilização de preços agrícolas no Brasil: avalia-

- ção e perspectivas. **Estudos Econômicos**, São Paulo, v.24, n.2, p.203-223, maio/ago. 1994.
- FERREIRA FILHO, Joaquim B. de S. Notas a respeito do desempenho agregado da agricultura brasileira no período 1980-1991. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Brasília, v.32, n.3, p.225-235, jul./set. 1994.
- GASQUES, José G. & VILLA VERDE, Carlos M. **Crescimento da agricultura brasileira e política agrícola nos anos oitenta**. Brasília: IPEA, 1990. (Texto para Discussão, 204).
- GATTI, Elcio U. et al. Análise do perfil distributivo do crédito rural no Brasil, 1969-90. **Agricultura em São Paulo**, SP, v.40, n.1, p.65-99, 1993.
- GOLDIN, I. & REZENDE, Gervasio C. de. **A agricultura brasileira na década de 80: crescimento numa economia em crise**. Rio de Janeiro: IPEA, 1993. 119p. (Série IPEA, 138).
- GRAZIANO DA SILVA, José. Condicionantes para um novo modelo agrário e agrícola. In: **CRISE brasileira, anos oitenta e governo Collor**. São Paulo: DESEP/CUT, 1993. p.177-217.
- _____. Urbanização e pobreza no campo. In: RAMOS, P. & REYDON, B. P. **Agropecuária e agroindústria no Brasil**. Campinas: ABRA, 1995. p.127-149.
- HOFFMANN, Rodolfo. Vinte anos de desigualdade e pobreza na agricultura brasileira. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Brasília, v.30, n.2, p.97-113, abr./jun. 1992.
- HOMEM DE MELO, Fernando. A questão da política de preços para produtos agrícolas domésticos. **Revista Brasileira de Economia**, Rio de Janeiro, v.45, n.3, p.385-96, 1991.
- _____. Tendência de queda dos preços reais de insumos agrícolas. **Revista de Economia Política**, SP, v.12, n.1, p.141-146, jan./mar. 1993.
- KAGEYAMA, Angela & REHDER, Paulo. O bem-estar rural no Brasil na década de oitenta. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Brasília, v.31, n.1, p.9-22, jan./mar. 1993.
- MARTIN, Nelson B. & GONÇALVES, José S. Estudo das mudanças na distribuição regional e na composição da área agrícola brasileira no período 1970-93. **Informações Econômicas**, SP, v.25, n.3, p.19-48, mar. 1995.
- MARTINE, Georges. Fases e faces da modernização agrícola brasileira. **Planejamento e Políticas Públicas**, Brasília, n.3, p.3-44, jun. 1990.
- PAIVA, Ruy M. Elementos básicos de uma política em favor da agricultura brasileira. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, Rio de Janeiro, v.4, n.2, p.209-244, jun. 1974.
- REZENDE, Gervasio C. de. Inflação, preços mínimos e comercialização agrícola: a experiência dos anos 80. In: BRANDÃO, A.S.P. (Ed.). **Os principais problemas da agricultura brasileira: análise e sugestões**. 2.ed. Rio de Janeiro: IPEA, 1992a. p.333-355. (IPEA, Série PNPE, 18).
- _____. Do cruzado ao Collor: os planos de estabilização e a agricultura. **Revista de Economia Política**, SP, v.12, n.2, p.106-125, 1992b.
- _____. et al. Os impactos fiscal e monetário do crédito rural. Brasília: IPEA, 1994. p.77-95. (Estudos de Política Agrícola, n.6, Sumários Executivos).
- SERVILHA, Valdemar. **O financiamento da agricultura brasileira**. Campinas: IE/UNICAMP, 1994. 228p. Tese de Doutorado.
- SILVA, Enid R. A. da. A política de preço uniformizado do óleo diesel e suas implicações no avanço da fronteira agrícola. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 27, Piracicaba, 24-25, jul. 1989. **Anais...** Brasília: SOBER, v.1, 1989. p.336-357.
- SILVA, José M. A. da & SILVEIRA, Carla D.

Inflação e abastecimento: panorama do comportamento de preços de alimentos básicos no Brasil no período 1972/92. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 32, Brasília, 25-28, jul. 1994. Anais... Brasília: SOBER, v.1, 1994. p.30-49.

SZMRACSÁNYI, Tamas & RAMOS, Pedro. O papel das políticas governamentais na modernização da agricultura brasileira. *História e Perspectivas*, Uberlândia, n.10, p.59-79, jan./jun. 1994.